

BEM-ME-QUER

4º ANO

mais

ARTE

Maria Helena Webster (coord.)
Dafne Sense Michelini
Mairah Rocha
Maucha Rocha
Stella P.

CÓDIGO DA COLEÇÃO

0276P230202000060

PNLD 2023 - OBJETO 2

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO - VERSÃO SUBMETIDA À AVALIAÇÃO

MANUAL de PRÁTICAS e ACOMPANHAMENTO da APRENDIZAGEM

**MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL**

BEM-ME-QUER

mais

ARTE

MANUAL de PRÁTICAS e ACOMPANHAMENTO da APRENDIZAGEM

Maria Helena Webster (Coordenação)

Especialista em História da Arte pela Universidade de Caxias do Sul (UCS)
Graduada em Artes Plásticas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
Coordenadora de livros didáticos de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio
Formadora de coordenadores e professores em Arte
Autora de livros dirigidos aos professores de Educação Infantil
Idealizadora e autora de conteúdo de site de Educação Infantil

Dafne Sense Michellepis

Formada em Dança pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)
Licenciada em Pedagogia pela Faculdade Alra América
Certificada pelo San Francisco International Orff Course (SFORFF)
Artista de dança, pesquisadora e arte-educadora
Professora especialista de dança no ensino formal
Mediadora em cursos de extensão sobre corpo e movimento na educação

Mairah Rocha

Formada em Música pela Faculdade Santa Marcelina (FASM)
Cantora e percussionista corporal
Educadora musical
Formadora de professores especialistas e generalistas na área de Música
Coautora de livros paradidáticos na área de Música para a Educação Infantil
Professora especialista de Música na Educação Infantil e Ensino Fundamental – Anos Iniciais no ensino formal
Professora de Música e Percussão Corporal para crianças, jovens e adultos em oficinas livres

Maucha Rocha Barros

Formada em Comunicação das Artes do Corpo – habilitação em Teatro pela Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP)
Licenciada em Artes pela Faculdade Belas Artes de São Paulo
Coordenadora de escola de música e teatro em São Paulo
Formadora de professores nas áreas de Teatro e Música
Coautora de livros paradidáticos na área de Música para a Educação Infantil
Colaboradora de livros didáticos na área de Arte para o Ensino Fundamental
Professora especialista de Teatro em cursos livres e Música na Educação Infantil e no Ensino Fundamental – Anos Iniciais

Stella Ramos

Formada em Educação Artística pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)
Pesquisadora, formadora, mediadora e coordenadora de projetos em Educação e Arte/Cultura
Desenvolvedora de materiais e jogos educativos para instituições culturais
Autora e coautora de ações artísticas que mesclam poesia e artes visuais
Pesquisadora e arte-educadora em Artes Visuais
Autora de livros didáticos para o Ensino Fundamental – Anos Finais e o Ensino Médio
Autora de disciplina sobre artes híbridas e escola contemporânea em curso de formação a distância para professores de Arte



**Ensino Fundamental
Anos Iniciais
Arte**

1ª edição
São Paulo, 2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Bem-me-quer mais [livro eletrônico] : arte,
4ºano : manual de práticas e acompanhamento
da aprendizagem / Dafne Sense Michellepis ...
[et al.] ; Maria Helena Webster (coordenação). --
1. ed. -- São Paulo : Editora do Brasil, 2021. --
(Bem-me-quer mais arte)
300 Mb ; PDF

Outros autores: Mairah Rocha, Maucha Rocha Barros,
Stella Ramos

ISBN 978-85-10-08883-1

1. Arte (Ensino fundamental) I. Michellepis, Dafne
Sense. II. Rocha, Mairah. III. Barros, Maucha Rocha.
IV. Ramos, Stella. V. Webster, Maria Helena.
VI. Série.

21-83219

CDD-372.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Arte : Ensino fundamental 372.5

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

© Editora do Brasil S.A., 2021

Todos os direitos reservados

Direção-geral: Vicente Tortamano Avanso

Diretoria editorial: Felipe Ramos Poletti

Gerência editorial de conteúdo didático: Erika Caldin

Gerência editorial de produção e design: Ulisses Pires

Supervisão de artes: Andrea Melo

Supervisão de editoração: Abdonildo José de Lima Santos

Supervisão de revisão: Elaine Silva

Supervisão de iconografia: Leo Burgos

Supervisão de digital: Priscila Hernandez

Supervisão de controle de processos editoriais: Roseli Said

Supervisão de direitos autorais: Marilisa Bertolone Mendes

Supervisão editorial: Gabriela Hengles

Edição: Ana Okada e Mariana Tomadossi

Assistência editorial: Felipe Adão e Marcelo Nardeli

Copidesque: Gisélia Costa, Ricardo Liberal e Sylmara Beletti

Revisão: Amaral, Mariana, Bruna, Carolina, Daniela, Erika, Gabriela,
Fernanda Sanchez, Flavia Gonçalves, Gabriel Ornelas, Jonathan Busato,
Mariana Paixão, Nara, Renata, Tereza

Pesquisa iconográfica: Daniel Andrade e Marcia Sato

Design gráfico: Estúdio Chaleira - Cristiane Viana

Capa: Caronte Design e Patricia Lino

Edição de arte: Aline Maria, Gisele Oliveira, Patricia Lino e Talita Lima

Assistência de arte: Leticia Santos

Ilustrações: Caio Boracini e Fabiano Moura

Editoração eletrônica: Studio Layout Ltda.

Licenciamentos de textos: Cinthya Utiyama, Jennifer Xavier,

Paula Harue Tozaki e Renata Garbellini

Controle de processos editoriais: Bruna Alves, Rita Poliane,

Terezinha de Fátima Oliveira e Valeria Alves

1ª edição, 2021



Rua Conselheiro Nébias, 887
São Paulo/SP – CEP 01203-001
Fone: +55 11 3226-0211
www.editoradobrasil.com.br



OLÁ, PROFESSORA!

OLÁ, PROFESSOR!

A Arte nos convida a um longo percurso de descobertas pelas múltiplas formas de expressão que podemos desenvolver, e esse contato proporciona aos estudantes a oportunidade de experimentar os elementos das linguagens em diferentes materialidades.

Agora, nós o convidamos a propor atividades que permitirão que eles aprofundem o contato com a arte, fixando conceitos e ampliando experimentações para que compreendam os conteúdos e teçam outras possibilidades relacionadas aos temas pertinentes a cada linguagem da arte.

Este conjunto de atividades foi desenvolvido como propostas impulsionadoras para que você, ao desenvolvê-las, tenha muitas outras ideias relacionadas a seu contexto escolar e a sua turma. É pela experimentação que os estudantes ampliarão seus repertórios de investigação e pesquisa.

Valorize a experimentação!

Boas propostas!

As autoras

**MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL**

SUMÁRIO

EXPERIMENTAR PROCESSOS, CONSTRUIR O MUNDO..... V

Verbos cognitivos: processos de criação..... V

O CONHECIMENTO DO ALUNO E O ACOMPANHAMENTO DA APRENDIZAGEM..... V

Para revisar e reforçar..... VI

Para ampliar..... VI

DIMENSÕES DO CONHECIMENTO, COMPETÊNCIAS E AVALIAÇÃO..... VI

Dimensões do conhecimento em Arte..... VI

Competências: gerais e específicas..... VII

Avaliação..... VII

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO PNA E AS PRÁTICAS EM ARTE..... VII

O QUE ESTÁ PROPOSTO NO LIVRO DE PRÁTICAS PARA O ESTUDANTE?..... VII

PRÁTICAS... PROCESSO DE CRIAÇÃO..... VIII

PLANO DE DESENVOLVIMENTO ANUAL..... IX

UNIDADE 1..... X

Plano de aula:
Onde os estilos musicais se encontram?..... X

Plano de aula: Gêneros e artistas favoritos..... XII

UNIDADE 2..... XIV

Plano de aula: Catira e carimbó..... XIV

Plano de aula: Ver, pensar e praticar..... XVI

UNIDADE 3..... XVIII

Plano de aula: Dando vida a objetos e Brincando com luz e sombra..... XVIII

Plano de aula: Criando história e personagem..... XIX

UNIDADE 4..... XXIII

Plano de aula: Museus e centros culturais..... XXIII

Plano de aula: Compartilhar o saber..... XXV

REFERÊNCIAS..... XXVIII

EXPERIMENTAR PROCESSOS, CONSTRUIR O MUNDO

Pensar em um Livro de Práticas e Acompanhamento da Aprendizagem é ampliar as possibilidades de experimentação. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) reconhece que:

A prática investigativa constitui o modo de produção e organização dos conhecimentos em Arte. É no percurso do fazer artístico que os alunos criam, experimentam, desenvolvem e percebem uma poética pessoal. [...] Eles possibilitam compreender as relações entre tempos e contextos sociais dos sujeitos na sua interação com a arte e a cultura. (BRASIL, 2018, p. 193).

Com essa perspectiva, propomos um Livro de Práticas e Acompanhamento da Aprendizagem que desdobre os saberes dos estudantes, incentivando-os a aprofundar e experimentar novos olhares sobre diferentes aspectos da Arte. Há muitos modos de se aproximar de um objeto de conhecimento, e a experimentação é um deles. Ela é especialmente importante nos Anos Iniciais.

VERBOMATERIAL DE DIVULGAÇÃO: PROCESSOS DE CRIAÇÃO DA EDITORA DO BRASIL

As propostas do objeto de conhecimento “Processos de criação” reforçam a importância da prática investigativa. Esse objeto é sinônimo de investigação na experimentação e não mais um fazer pontual com pouco significado na aprendizagem. É a construção de uma proposta de experimentação encadeada. O estudante caminha numa construção em espiral, tratando de assuntos com diferentes abordagens e explorando diversos caminhos que culminam em práticas que evidenciam os temas apresentados pelo viés da experiência.

Os verbos cognitivos da BNCC (BRASIL, 2018, p. 201-203) trabalhados nas unidades são:

- experimentar a criação;

- dialogar sobre a sua criação;
- criar e improvisar;
- discutir, com respeito e sem preconceito, as experiências;
- experimentar improvisações, composições e sonorização;
- experimentar o trabalho colaborativo, coletivo e autoral em improvisações;
- exercitar a imitação e o faz de conta;
- experimentar possibilidades criativas de movimento e de voz;
- reconhecer e experimentar.

Todos levam a múltiplas possibilidades de exploração, pelos estudantes, de aprendizados pela experimentação e suas variações cognitivas. As experimentações podem ocorrer com conteúdos que indicam foco na pesquisa e investigação dos estudantes ou em propostas que partem do próprio interesse deles, tornando-se experiências exploratórias e que lhes possibilitem dar vazão mais ampla a seu processo de criação. Especialmente na área de linguagem, a pluralidade de experiências e práticas conduz ao conhecimento mais integrado, aprofundado e pessoal.

Os projetos pedagógicos individuais, coletivos ou colaborativos possibilitam ao professor adequar a proposta ao seu contexto, mas buscam principalmente a expansão das investigações da turma.

O CONHECIMENTO DO ALUNO E O ACOMPANHAMENTO DA APRENDIZAGEM

O Livro de Práticas e Acompanhamento da Aprendizagem, como o próprio nome indica, são propostas de experimentação, direta ou subjetiva, para serem trabalhadas de acordo com seu planejamento pedagógico. Está dividido em duas seções: revisão, que enfatiza a retomada dos conhecimentos gerais dos estudantes, fixando e verificando a aprendizagem; e ampliação dos conhecimentos pela observação, investigação, reflexão e criação.

As propostas elaboradas pelos autores buscam possibilitar a você, professor, no contexto escolar, o desenvolvimento de atividades encadeadas, com enfoque nas quatro linguagens da Arte na BNCC: Artes Visuais, Teatro, Música e Dança. Essa proposta está fundamentada nos ganhos da aprendizagem por projetos.



PARA REVISAR E REFORÇAR

Revisitar conteúdos vividos, de forma geral, possibilita progressão cognitiva na experiência realizada. O ato de contextualizar e nomear a experiência de vida dos estudantes fornece a base para se desenvolver processos criativos ancorados nas atividades aqui propostas. O ato de refazer algo é, na realidade, uma troca consigo mesmo, que amplia e consolida o experimentado. Esses momentos, que adquirem características de avaliação formativa por proporcionar o relembrar, tornam-se a base de um novo processo criativo, propiciando ao estudante estar sempre aberto ao fazer e refazer, tão presente em todas as aprendizagens por experiência.

O fazer e refazer faz parte do pensamento científico crítico e criativo, por possibilitar múltiplas experimentações em um processo investigativo. O pensamento criativo encontra espaço para narrativas visuais, orais, corporais e escritas, enfim, em qualquer tipo de letramento.



PARA AMPLIAR

Fundamentado na revisão e com espaço para novas experiências criativas, o estudante se permite fazer percursos mais longos, com paradas investigativas e diferentes propostas em cada etapa. A palavra **percurso** também pode indicar um espaço percorrido por um corpo em movimento – um movimento criativo.

Esse corpo em movimento é do estudante em seu processo criativo, com os elementos e materialidades das linguagens no contexto

dele e do professor. Você, docente, observará a turma por vários ângulos para reunir diferentes “informações” sobre a diversidade que compõe a sala de aula.

A proposta de a ampliação ser encadeada e ter quatro etapas fundamenta muitas outras ações no contexto de cada escola, como um todo ou diante do interesse dos estudantes, pela possibilidade de tornar-se um projeto pedagógico, não metodológico.

DIMENSÕES DO CONHECIMENTO, COMPETÊNCIAS E AVALIAÇÃO

DIMENSÕES DO CONHECIMENTO EM ARTE

As práticas propostas contemplam as linguagens da Arte – Artes Visuais, Teatro, Dança e Música – e articulam esses saberes com as seis dimensões do conhecimento propostas pela BNCC.

A dimensão da **Expressão** está diretamente ligada às possibilidades oferecidas aos estudantes de exteriorizar criações subjetivas por meio de procedimentos artísticos, individual e coletivamente, utilizando os elementos de cada uma das linguagens e sua materialidade, assim como a dimensão da **Criação**. A **Estesia** articula a sensibilidade do estudante na percepção da Arte como forma de conhecer a si mesmo, o outro e o que está em seu entorno. A estesia tem no corpo seu maior protagonista.

A dimensão da **Fruição**, que propicia prazer ao mesmo tempo que enaltece a oportunidade de se sensibilizar ao participar de práticas artísticas, leva o estudante à dimensão da **Reflexão**, possibilitando o processo de construir um posicionamento sobre experiências e processos criativos. A **Crítica** abre caminho para a articulação e a formação de pensamento próprio acerca do experimentado e apreciado.

COMPETÊNCIAS: GERAIS E ESPECÍFICAS

As práticas desenvolvidas trabalham as competências, assegurando aos estudantes a “possibilidade de se expressar criativamente em seu fazer investigativo, por meio da ludicidade, propiciando uma experiência de continuidade em relação à Educação Infantil” (BRASIL, 2018, p. 199).

Sobre as competências, o jornalista Rosi Rico, no texto “Conheça e entenda as competências gerais da BNCC”, publicado na Revista Nova Escola, coloca que:

A ideia não é planejar uma aula específica sobre essas competências ou transformá-las em componente curricular, mas articular a sua aprendizagem à de outras habilidades relacionadas às áreas do conhecimento. Muitas dizem respeito ao desenvolvimento socioemocional que, para acontecer de fato, deve estar incorporado ao cotidiano escolar, permeando todas as suas disciplinas e ações. (RICO, 2021).

O desenvolvimento das competências em Arte está nas ações de investigação, expressão, criação e reflexão sobre o que foi vivenciado em atividades individuais, coletivas e cooperativas, possibilitando a aquisição de conhecimentos, o desenvolvimento da experimentação, a comunicação e a argumentação na apresentação de seu trabalho e a fruição durante todo o processo de criação.

AVALIAÇÃO

A avaliação não deve ser excludente e classificatória. A experimentação proposta no Livro de Práticas e Acompanhamento da Aprendizagem deve ser beneficiada por uma avaliação formadora com a autoavaliação, possibilitando ao estudante expressar-se sobre sua prática e sobre as facilidades e dificuldades encontradas durante o processo criativo.

PNA E AS PRÁTICAS EM ARTE

O Decreto nº 9.765 de 2019 estabeleceu a Política Nacional de Alfabetização (PNA), cujo objetivo é melhorar a qualidade da alfabetização no território brasileiro e combater o analfabetismo absoluto e o analfabetismo funcional. O documento tem o caráter prático de orientar os programas e as ações do governo federal e exige, portanto, o alinhamento entre os materiais didáticos para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental e suas diretrizes.

É natural a relação entre certos componentes curriculares, principalmente entre Língua Portuguesa e Arte, por ambas fazerem parte da área de Linguagens. São letramentos que a criança utiliza desde os primórdios para se comunicar. As primeiras expressões estão no balbuciar palavras e nos gestos incentivados por sua curiosidade. Mas as artes e, principalmente, os processos criativos podem ampliar essa inter-relação pelo hibridismo da área. A arte – mais expressivamente a arte contemporânea, em que as crianças se inter-relacionam despojadas de qualquer critério racional, apenas pelo sentir e experimentar –, possibilita a construção de aprendizados nos dois componentes, ao vivenciá-los.

O QUE ESTÁ PROPOSTO NO LIVRO DE PRÁTICAS PARA O ESTUDANTE?

Assim como a criança na Educação Infantil, o estudante se aproxima de uma obra de arte, principalmente de arte contemporânea, “despido” de racionalização. Ele se aproxima como se aproxima sempre de uma brincadeira, de um elemento da natureza, de uma pessoa. Essa liberdade vem de sentir, sem racionalizar, o que pode vir a experimentar e, na sequência, expressar o que experimentou. Esse é o percurso do estudante em seu processo de criação.

O estudante dos primeiros anos narra o vivenciado pela experiência, sem preocupação com categorizações em sua fala, de modo

diferente do adulto, que busca compreender o que viveu para organizar seu relato.

O crítico de arte Fernando Cocchiarale (2006, p. 10) diz que:

[...] o problema é que estas pessoas [os adultos] usam um único verbo: entender. Entender significa reduzir uma obra à esfera inteligível. Eu nunca ouvi ninguém dizer: eu não consegui sentir essa obra.

Os livros desta coleção propõem práticas visuais, sonoras, gestuais, cênicas e escritas que levam os estudantes a sentir e experimentar, de modo que possam se expressar e progredir no aprendizado pelas várias experiências realizadas. As propostas consistem em propiciar uma criação e, em seguida, apreciar o caminho percorrido, mas não explicar ou julgar seu processo. O estudante não precisa explicar o resultado de seu trabalho, assim como posiciona Cocchiarale (2006, p. 10):

O artista contemporâneo nos convoca para um jogo onde as regras não são lineares, mas desdobradas em redes de relações possíveis ou não de serem estabelecidas.

O mesmo procedimento acontece com o estudante em suas expressões.

Para concluir, vale lembrar que o que os estudantes vão aprender que Arte não se restringe apenas a conteúdos específicos mas à sua capacidade de encontrar caminhos expressivos, arriscar experimentar, buscar a própria voz. A coleção **MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA EDITORA DO BRASIL** desenvolve o envolvimento de questões e práticas expressivas.

PRÁTICAS... PROCESSO DE CRIAÇÃO

Até há bem pouco tempo, o ensino de Arte se resumia comumente a tarefas repetitivas, que não estimulavam a experimentação como parte do processo de criação do estudante. As propostas costumavam enaltecer a preocupação com o resultado final e não com o processo de criação. A BNCC propõe uma inversão nessa forma de ensinar, conforme abordamos anteriormente, enfatizando a presença dos verbos cognitivos relacionados à experimentação.

A experimentação ocorre quando o estudante explora a linguagem por meio de

investigações e pesquisa, da ação de fazer e refazer, aprecia o realizado e reflete sobre ele para, então, reiniciar o processo.

Um processo de experimentação, sempre!

Ainda reportando-se à BNCC, encontramos dez vezes o verbo **experimentar** distribuído nas 26 habilidades dos Anos Iniciais. Isso mostra mais de 38% de enfoque na orientação para propostas práticas que possibilitem ao estudante aprender por meio do fazer, buscando ampliar sua autonomia (iniciada pela curiosidade na infância) e exercitar processos que o levem a construir, ao longo de sua jornada de estudante, uma forma de expressão visual, corporal ou sonora.

Essa proposta só se concretiza se as práticas fizerem sentido no contexto dos estudantes, ou seja, se forem significativas para eles. Para isso, é necessário que participem da própria elaboração da proposta, façam um levantamento do que conhecem, do que já desenvolveram e de como se sentiram durante a elaboração, principalmente usando linguagens não familiares.

Por que voltamos a falar dos verbos cognitivos?

Porque eles ressaltam a importância de um livro voltado para a ampliação das experimentações e não apenas propondo atividades já desgastadas pela repetição.

A palavra **prática** pode ser interpretada apenas como um fazer pontual, sem nada acrescentar ao aprendizado dos estudantes. Mas se for compreendida como parte de uma sequência, de um trabalho de investigação recorrente, alinhado em novas buscas e pesquisas, ela possibilita aos estudantes exercitar a investigação autônoma e aprender pelo autoconhecimento. Em arte, eles descobrem, pela prática, as possibilidades da materialidade utilizada e dos elementos da linguagem escolhida. A arte possibilita essa união.

O percurso de criação dos estudantes entendido como “processo” é formado de ações muito similares às do artista, independentemente da linguagem de expressão. As obras de arte contemporâneas trazem em sua materialidade vestígios de grandes pesquisas para identificar um caminho, muitas vezes unindo mais de uma linguagem artística. Os artistas também investem em pesquisas, testagens e investigações para chegar ao resultado no contexto proposto.

A BNCC revê essa posição, enfatizando a importância dos processos de criação, quando propõe que:

A prática investigativa constitui o modo de produção e organização dos conhecimentos em Arte. É no percurso do fazer artístico que os alunos criam, experimentam, desenvolvem e percebem uma poética pessoal. Os conhecimentos, processos e técnicas produzidos e acumulados ao longo do tempo em Artes Visuais, Dança, Música e Teatro contribuem para a contextualização dos saberes e das práticas artísticas. Eles possibilitam compreender as relações entre tempos e contextos sociais dos sujeitos na sua interação com a arte e a cultura. (BRASIL, 2018, p. 193).

Desse prisma, os estudantes do 1º e 2º anos do Ensino Fundamental abrigam na memória os bons momentos vivenciados na Educação Infantil, com uma bagagem de conhecimentos construídos tanto pelo aprendizado em brincadeiras e investigações quanto pela elaboração de narrativas que explicam como eles percebem seu entorno e os impulsos que sua curiosidade valorizada os leva a descobrir.

PLANO DE DESENVOLVIMENTO ANUAL

Apresentamos a seguir uma proposta de distribuição dos conteúdos do Livro de Práticas e Acompanhamento da Aprendizagem no decorrer do ano letivo. Ele está organizado por bimestres.

O plano de desenvolvimento anual é somente uma sugestão, pois também valoriza a autonomia do professor e pode ser adaptado à realidade escolar e à quantidade de aulas destinadas à disciplina de Arte em seu estado ou município.

	CRONOGRAMA	CONTEÚDO A SER TRABALHADO	BNCC E PNA
UNIDADE 1	1º BIMESTRE	<ul style="list-style-type: none"> Atividades de revisão das páginas 6 e 7 (Onde os estilos musicais se encontram?). Atividades de ampliação das páginas 8 a 10 (Qual música toca aqui?). 	<p>Competências gerais: 2, 3 e 10.</p> <p>Competência específica de Linguagens: 5.</p> <p>Competências específicas de Arte: 3, 8 e 9.</p> <p>Habilidade: EF15AR13.</p> <p>Componentes essenciais para a alfabetização: produção de escrita; consciência fonológica.</p>
UNIDADE 2	MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA EDITORA DO BRASIL 2º BIMESTRE	<ul style="list-style-type: none"> Atividades de revisão das páginas 12 e 13 (Catira e carimbó). Atividades de ampliação das páginas 14 a 16 (Ver, pensar e praticar). 	<p>Competências gerais: 3 e 10.</p> <p>Competência específica de Linguagens: 5.</p> <p>Competências específicas de Arte: 4 e 8.</p> <p>Habilidades: EF15AR08, EF15AR09, EF15AR10.</p> <p>Componentes essenciais para a alfabetização: produção de escrita; leitura e compreensão de texto.</p>
UNIDADE 3	3º BIMESTRE	<ul style="list-style-type: none"> Atividades de revisão das páginas 18 a 20 (Dando vida a objetos e Brincando com luz e sombra). Atividades de ampliação das páginas 21 a 24 (Criando história e personagem). 	<p>Competências gerais: 3 e 10.</p> <p>Competências específicas de Linguagens: 3 e 5.</p> <p>Competências específicas de Arte: 1, 8 e 9.</p> <p>Habilidades: EF15AR18, EF15AR21, EF15AR22.</p> <p>Componentes essenciais para a alfabetização: produção de escrita; desenvolvimento de vocabulário; interpretação de ideias e informações.</p>
UNIDADE 4	4º BIMESTRE	<ul style="list-style-type: none"> Atividades de revisão das páginas 26 e 27 (Museus e centros culturais). Atividades de ampliação das páginas 28 a 31 (Compartilhar o saber). 	<p>Competências gerais: 1, 3 e 10.</p> <p>Competência específica de Linguagens: 5.</p> <p>Competências específicas de Arte: 8 e 9.</p> <p>Habilidades: EF15AR01, EF15AR05, EF15AR07.</p> <p>Componentes essenciais para a alfabetização: produção de escrita; desenvolvimento de vocabulário.</p>

UNIDADE 1

PLANO DE AULA: ONDE OS ESTILOS MUSICAIS SE ENCONTRAM?

Duração: 1 aula.

Habilidade trabalhada:

- EF15AR13

Componentes essenciais de alfabetização da PNA:

- Produção de escrita
- Consciência fonológica

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 1

Tema: Gêneros musicais brasileiros.

Objetivo: Conhecer um gênero típico de cada região do país e agrupá-los de acordo com características similares.

Material: não é necessário nenhum material específico.

Onde fazer: sala de aula.

INTRODUÇÃO

Nosso país é muito grande e rico em sua cultura e existem inúmeros gêneros musicais em cada região. Apesar de surgirem em regiões diferentes, com frequência separados por muitos quilômetros, existem pontos de conexão entre eles.

Iremos conhecer algumas das características de um gênero típico de cada região do Brasil e observar com mais atenção esses pontos de intersecção.

DESENVOLVIMENTO

No Livro do Estudante, serão apresentados os seguintes gêneros musicais brasileiros:

- a música caipira do Centro-Oeste e Sudeste;

- o repente do Nordeste;
- o rap do Sudeste;
- a guitarrada do Norte;
- a música gaúcha do Sul.

Sobre a música caipira é importante que os estudantes saibam que é a manifestação do povo da zona rural do interior do Brasil. É uma manifestação cultural antiga que permanece viva até hoje e tem como representantes algumas duplas tradicionais, como Tonico e Tinoco, Pena Branca e Xavantinho, além de artistas como Tião Carreiro e Inezita Barroso. Todos esses nomes podem ser facilmente encontrados na internet, e seria interessante se você pudesse buscar alguns exemplos para escutar com os estudantes, mostrando o som da viola e as vozes cantando os temas típicos das modas, como a natureza, a vida campestre, o amor e a saudade.

A viola caipira – instrumento bem antigo – é utilizada também no repente nordestino.

O repente tem origem nas tradições dos trovadores medievais e é uma forma de interpretação de canto e poesia. Os repentistas improvisam versos com diversos modelos de métricas, sextilhas, por exemplo, num desafio rimado. Os temas são os mais diversos e muitas vezes sugeridos pelo próprio público. Se for possível, procure na internet por João Paraibano e Sebastião Dias, uma dupla de repentistas muito tradicional. Você e os estudantes poderão reconhecer o som da viola e perceber as diferenças entre os repentes e as modas de viola.

Outro gênero que mistura a poesia e o canto, também abusando da improvisação como o repente, é o rap. Mas entre o repente e o rap há uma grande diferença. No rap, a poesia se encaixa na batida feita pelo beatbox e a base que o DJ solta nas pickups, mas em vez de ser cantada é falada, ou seja, não há melodia. Já no repente, as improvisações são cantadas, feitas em cima de uma melodia.

No rap também podemos encontrar versos já compostos, além das improvisações, com uma temática bem urbana, geralmente apondo questões da condição de vida das minorias nas periferias dos grandes centros, que foi de onde ele veio e por onde se espalhou aqui no Brasil também.

O rap chegou dos Estados Unidos diretamente para a cidade de São Paulo, onde se iniciou a história do rap brasileiro, que hoje está por todo o país, sendo a parte musical do movimento hip-hop, que inclui também as linguagens da dança com o break e as artes visuais com o grafite.

Atualmente muitos rappers já misturam o rap tradicional com a música brasileira e, além do DJ e do beatbox, há uma banda que inclui também guitarra, baixo, bateria, percussão etc. Se possível, procure na internet músicas de rappers como Emicida e Criolo, para escutar com os estudantes essa fusão. É importante que você as escute antes de mostrar a eles, a fim de se certificar de que o tema e o palavrado estejam apropriados à faixa etária.

A guitarra elétrica é um instrumento que, assim como o rap, veio dos Estados Unidos e foi incorporada por inúmeros gêneros musicais brasileiros, como a Jovem Guarda, o manguebeat, o rock brasileiro e a guitarrada.

Guitarrada é um gênero que nasceu no estado do Pará, quando o guitarrista Mestre Vieira misturou o carimbó, ritmo típico paraense, com outros ritmos da América Central usando a guitarra como principal solista.

A guitarrada não costuma ter letra, ou seja, é um gênero de música instrumental, por isso também é chamada de lambada instrumental.

Nos arranjos da guitarrada são usados outros instrumentos, como o cavaquinho, bateria, chocalho e pandeiro. Há também quem use duas guitarras, uma fazendo a base harmônica e outra fazendo o solo melódico.

Se possível, procure pelo site oficial de Mestre Vieira na internet, no qual você pode encontrar todos os discos gravados por ele.

Pulando da Região Norte para a Região Sul, falaremos um pouco da música tradicional gaúcha.

Assim como a música caipira, a música tradicionalista do Rio Grande do Sul tem como temática a vida rural, a natureza e os costumes dessa região, que vive basicamente da agropecuária e agricultura. Os gaúchos são muito

apegados à sua terra e gostam de exaltar esse amor em suas canções.

Na Região Sul houve uma grande imigração europeia, que influenciou bastante a música tradicional gaúcha. A música portuguesa e o flamenco espanhol são muito importantes na estruturação desse gênero, e da Itália e da Alemanha veio o acordeom, que foi totalmente incorporado e rebatizado de gaita.

A gaita está sempre presente na música gaúcha, assim como o violão.

No Nordeste, a gaita é chamada de sanfona e também é muito presente em gêneros como baião, xote e arrasta-pé, que são genericamente chamados de forró.

ENCERRAMENTO

Na atividade foram apresentadas algumas características de cada estilo em uma coluna da tabela. Os estudantes deverão colocar na coluna ao lado o nome dos gêneros que têm determinada característica para que percebam os pontos em comum entre eles.

Essas características dizem respeito a alguns instrumentos utilizados, à temática das canções, à presença de improvisação nos versos, se são canções (músicas com letra) ou músicas instrumentais e se há mistura de ritmos.

Em relação aos instrumentos usados nesses gêneros, falamos da viola que aparece na música caipira/sertaneja e também no repente nordestino, da guitarra que está na guitarrada e muitas vezes no rap e da gaita/sanfona na música gaúcha e no forró nordestino.

Sobre a temática das letras das canções, há a música caipira e a música gaúcha com temática rural e o rap com temática urbana.

O improviso nos versos aparece no repente e no rap; já na música caipira e na música gaúcha as letras são escritas anteriormente, o que ocorre também em alguns raps.

Os gêneros de música instrumental são a guitarrada e algumas modas de viola. As canções aparecem na música caipira, no repente, no rap e na música gaúcha.

PLANO DE AULA: GÊNEROS E ARTISTAS FAVORITOS

Duração: 4 aulas.

Habilidade trabalhada:

- EF15AR13

Componentes essenciais de alfabetização da PNA:

- Produção de escrita
- Consciência fonológica

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 1

Tema: Gêneros musicais brasileiros.

Objetivos: Ampliar conhecimentos e saber, por meio de uma pesquisa, quais são os gêneros e os artistas brasileiros mais escutados pela turma.

Material: não há material necessário.

Onde fazer: sala de aula.

INTRODUÇÃO

Nas próximas atividades, faremos um trabalho de pesquisa sobre os gêneros musicais brasileiros. Com a ajuda dos estudantes e pela comunidade. Na primeira etapa, faremos uma reflexão sobre os gêneros que os estudantes conhecem e quais são os que eles, individualmente, gostam de escutar. Essa reflexão permite que você reconheça os gostos e as experiências estéticas da turma.

DESENVOLVIMENTO

Identificar as preferências musicais é o primeiro passo para ampliar e intensificar a experiência com música. Gradualmente, cada pessoa forma um repertório conectado à sua história de vida. Conhecer o gosto musical dos colegas e ouvir as músicas que eles apreciam pode ser uma forma de eliminar preconceitos.

Depois que os estudantes terminarem o registro, abra uma roda de conversa com eles

para que socializem as respostas. Veja se todos conhecem os gêneros citados.

ENCERRAMENTO

Faça uma primeira lista com os gêneros que forem aparecendo e, quando alguém falar um que já foi citado, coloque votos ao lado.

Vocês chegarão à primeira tabulação, que será o ponto de partida para a pesquisa com os entrevistados.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 2

Tema: Artistas e gêneros musicais brasileiros.

Objetivo: Saber, por meio de uma pesquisa, quais são os gêneros e os artistas brasileiros mais escutados pela comunidade.

Material: não há material necessário.

Onde fazer: entrevistas na escola e em casa; atividades em sala de aula.

INTRODUÇÃO

Antes de iniciar a pesquisa, organize alguns pontos com os estudantes. A sugestão é começá-la dentro da escola e depois ir para as famílias e a comunidade. Na escola, as entrevistas podem ser feitas em duplas ou individualmente. Defina em que momento as entrevistas serão feitas e quantas pessoas cada estudante, ou dupla, vai entrevistar. É importante reforçar que nessa pesquisa não estamos interessados em dados pessoais, como nome ou idade. É uma pesquisa genérica, que abrange todas as idades.

DESENVOLVIMENTO

Depois de definida a estratégia para a pesquisa na escola, é importante decidir quantos familiares e colegas fora da escola cada estudante entrevistará. Quanto mais entrevistados, mais fiel será o resultado.

Cada um deve escrever em seu livro a lista levantada em sala, de gêneros e artistas brasileiros, e esse será o ponto de partida para a

pesquisa. Eles devem anotar os votos ao lado dos gêneros e dos artistas que já estão na lista e acrescentar os dados que coletarem nas entrevistas fora da escola. Peça que usem uma folha de papel extra, caso as respostas não caibam no espaço do livro. Comente com eles que uma maneira de anotar os votos é fazendo riscos até formar quadradinhos com um traço dentro, na diagonal, para contar de cinco em cinco. É importante lembrá-los de que estamos abordando apenas gêneros musicais e artistas brasileiros.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 3

Tema: Artistas e gêneros musicais brasileiros.

Objetivo: Tabular dados da tabela de gêneros e artistas brasileiros mais escutados pela comunidade.

Material: nenhum material específico.

Onde fazer: sala de aula.

DESENVOLVIMENTO

Chegou a hora de tabular os resultados. Escreva na lousa a lista inicial e peça a cada estudante que fale quantos votos teve para cada gênero e artista da lista. A marcação de cinco em cinco em cada linha, com o auxílio de votos, que deve ser feita, é feita nos três primeiros colocados de cada categoria.

Com a definição dos mais votados, abra uma roda de reflexão: Os resultados eram esperados ou foram surpreendentes? Foi o mesmo resultado do primeiro levantamento feito com a turma? Os gêneros e os artistas escolhidos são da região ou são de fora?

Em seguida, procure na internet alguns exemplos de músicas dos gêneros e dos artistas vencedores e mostre-os aos estudantes. É bem possível que eles conheçam essas músicas e possam ajudá-lo na escolha.

ENCERRAMENTO

Depois, eles vão produzir um texto comentando os resultados, falando sobre essas

reflexões feitas coletivamente e registrando suas impressões.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 4

Tema: Artistas e gêneros musicais brasileiros.

Objetivos: Ampliar conhecimentos e saber, por meio de uma pesquisa, quais são os gêneros e os artistas brasileiros mais escutados na região. Criar um painel com o resultado que obtiverem.

Material: internet ou livro para pesquisa sobre gêneros musicais e artistas.

Onde fazer: sala de aula.

DESENVOLVIMENTO

Para encerrar o miniprojeto, os estudantes vão desenvolver painéis sobre cada um dos gêneros e dos artistas mais votados na pesquisa. Divida a turma em seis grupos; cada grupo vai pesquisar um gênero ou um artista, selecionando dados e imagens para criar o painel.

É interessante constar a origem, os instrumentos usados, os artistas representantes do gênero, as músicas famosas, se o artista é compositor ou intérprete, entre outras informações pertinentes.

A intenção é expor esses painéis, se possível, em um mural da escola, para que a comunidade escolar fique sabendo do resultado da pesquisa. Se não for possível, pode ser em um mural da sala de aula mesmo. Cada grupo fará uma breve apresentação de sua pesquisa e o que foi adicionado ao painel.

ENCERRAMENTO

Estimule-os a usar imagens de artistas e instrumentos para ilustrar: podem ser fotos, recortes de revistas ou jornais ou ilustrações. Eles podem também incluir trechos de letras de música, se acharem necessário. Dê algumas sugestões, mas deixe-os livres para escolherem o que acham de fato interessante contar no painel.

UNIDADE 2

PLANO DE AULA: CATIRA E CARIMBÓ

Duração: 2 aulas.

Habilidades trabalhadas:

- EF15AR08
- EF15AR09
- EF15AR10

Componentes essenciais de alfabetização da PNA:

- Produção de escrita
- Leitura e compreensão de texto

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 1

Tema: Catira.

Objetivos: Apresente aos estudantes a catira, uma dança brasileira que trabalha a comunicação entre as partes do corpo e a pulsação da música para criar sequências de palmas e sapateados. Por meio da catira, espera-se fixar a importância relacional da dança.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO

Material: DA EDITORA DO BRASIL
Onde fazer: sala de aula.

INTRODUÇÃO

Os estudantes entrarão em contato com uma dança brasileira na qual o regente do movimento é a pulsação musical com compassos de 2/4 ou 4/4. Os dançarinos ouvem as notas da viola contando de 1 a 4 no ritmo da música. Aprender essa contagem ajuda os estudantes a compreender as figuras rítmicas, relativas ao tempo de duração de cada som ou silêncio nas músicas. Para praticar, eles marcarão o ritmo com palmas, a fim de perceberem a quantidade cabível em cada compasso. O uso do espaço na catira geralmente acontece em linhas. Os dançarinos ficam

organizados em duas fileiras, uma em frente à outra. Na extremidade, ficam os músicos. Os dançarinos executam as frases intercalando as batidas de palmas nas mãos e sapateado nos pés. Antes de desenvolver a proposta com os estudantes, procure uma música de catira com o ritmo bem marcado, como a *Catira de Mariamar*, de Ivan Vilela, e veja como grupos tradicionais executam a dança. Se tiver oportunidade, mostre-a aos estudantes também.

DESENVOLVIMENTO

Use a criatividade para escolher a melhor maneira de desenvolver o conteúdo apresentado. Procure garantir um bom ambiente de trabalho, sempre com espírito de cooperação. Prepare o espaço da sala de aula com a ajuda dos estudantes. Afaste mesas e cadeiras já tocando a música escolhida, assim o grupo se familiarizará com o ritmo proposto. Siga estes passos:

1. Oriente os estudantes, organizados lado a lado, para que mostrem no corpo como estão sentindo o ritmo. A palma no volume baixo pode vir acompanhada do balanço do corpo.
2. Inicialmente peça que contem em voz alta de 1 a 4. Em seguida, solicite que só falem o número 1 e depois só o número 3.
3. Sem falar, eles devem acrescentar uma palma forte só no número 3. Se a mão começar a incomodar, peça que marquem as palmas fracas com mais suavidade.
4. Agora os pés farão a mesma coisa que as mãos estavam fazendo.

Para o desafio, caso sua turma seja muito dispersa, prefira iniciar a atividade em duplas e, gradativamente, ampliar para dois grupos maiores. Avise aos estudantes que você irá marcar 5 minutos no relógio para que os grupos combinem o que vão apresentar uns aos outros. Oriente-os para que iniciem indicando duas vezes o pulso de 1 a 4 de forma neutra, com palmas fracas, por exemplo. Enquanto uma linha dança e toca, a outra deve permanecer em silêncio, apenas observando. Ao término da apresentação do primeiro grupo, escolha se será melhor passar a vez para o outro grupo apresentar ou estimular quem assistiu a reproduzir a proposta que ainda está fresca na memória.

ENCERRAMENTO

Apesar de a estrutura da catira fornecer uma base, não existe uma forma fixa para esta dança. Cada grupo pode marcar o ritmo da dança de acordo com suas preferências. Portanto, para encerrar, peça que escolham uma sequência de palmas e sapateados alternado forte e fraco, para montar a catira da turma. Caso haja estudantes que se destacaram em termos rítmicos corporais, garanta o espaço para que improvisem e mostrem suas habilidades. Ao estabelecerem relações entre mãos e pés na construção dos movimentos feitos na catira, os estudantes fixam os conhecimentos da linguagem. Ao término da atividade, reserve 5 minutos para reorganizar a sala de aula.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 2

Tema: Carimbó.

Objetivos: Relacionar brincadeira e dança. Praticar deslocamento no espaço e identificar verbos de ação que sugerem movimentos e formas expressivas para criação de sequências coreográficas.

Material:

- aparelho de som ou suporte audiovisual;
- caixa para sortear as palavras/verbos de ação.

Onde fazer: sala de aula.

INTRODUÇÃO

O objetivo desta atividade é praticar o carimbó de forma lúdica. Típica do Pará, a manifestação reconhecida como Patrimônio Cultural Imaterial Brasileiro ajudará os estudantes a entrelaçar seus conhecimentos prévios de movimentos com a percepção do tempo e do espaço escolar. Por isso, repita o procedimento colaborativo de arrumar a sala e, se possível, escolha um carimbó tradicional para usar na atividade. Podem ser músicas do artista Pinduca, como *A dança do carimbó* ou *Sinhá pureza*. Deixe-as tocando desde a brincadeira do aquecimento.

DESENVOLVIMENTO

A brincadeira de “pega-pega” explora ações como correr, esquivar-se (ato de não se deixar tocar), girar, pegar e soltar. Todas elas se relacionam com o espírito festivo da manifestação paraense, motivo pelo qual a usaremos para estimular a aprendizagem corporal. Deixe os estudantes brincarem durante 5 minutos e chame a atenção para o batimento cardíaco. Houve uma aceleração? Gerou calor? Peça então que imaginem o número oito desenhado no chão e dançam neste trajeto sem ter pegador.

Enquanto os estudantes estiverem brincando e dançando livremente, observe os movimentos em comum para elencar as quatro ações mais significativas. Escreva números de 1 a 4 ou os verbos em tiras de papel, dobre-as e coloque em uma caixa reservada para depois fazer o sorteio. Faça o mesmo na lousa. Enumere e escreva os verbos com letras grandes, ocupando todo o espaço do quadro. Para exemplificar, imagine que os verbos escolhidos foram: 1) girar; 2) correr; 3) parar; 4) esquivar. Peça aos estudantes que criem um movimento ou uma pose simples que represente cada um dos verbos enfatizando a utilização dos braços, do tronco ou das pernas nos três níveis: em pé, sentados e deitados. Com um tambor, um apito ou cantando números e palavras, marque o momento de os estudantes trocarem de movimento. Repita algumas vezes a sequência na ordem crescente e apague as palavras. Sorteie uma nova ordem e veja se a turma consegue executar.

Organize a turma em grupos de três a nove integrantes em cada, lembrando que é preciso haver ao menos dois grupos. Dependendo da dinâmica geral, os estudantes podem combinar como coreografar sua nova sequência ou seguir a sorte. No caso da escolha pelo sorteio, este será feito pelos estudantes, sem que um grupo veja o outro. Um representante pode ser eleito para escrever em uma folha de papel a sequência que seu grupo vai ensaiar e apresentar para ter registrado o percurso. Após todos os grupos definirem sua sequência, reserve 20 minutos para que ensaiem como demonstrar os verbos na sequência sorteada ou combinada. Assim, se o grupo sorteou, por exemplo, 4, 2, 3 e 1, os estudantes deverão

buscar meios de mostrar no início o esquivar, depois o correr ocupando o espaço em todas as direções, de súbito parar, e finalizar com giros.

ENCERRAMENTO

As pessoas da plateia escreverão o nome dos integrantes do grupo que irá se apresentar e a sequência dos movimentos que assistiram em forma de números ou palavras para que, ao final, comparem e verifiquem como o combinado foi apresentado. Faça com que esse momento de compartilhamento de leituras, reflexão e interpretação do exercício cênico seja produtivo e livre de preconceitos.

PLANO DE AULA: VER, PENSAR E PRATICAR

Duração: 3 aulas.

Habilidades trabalhadas:

- EF15AR08
- EF15AR09
- EF15AR10

Componentes essenciais de alfabetização da PNA:

- Produção de escrita
- Leitura e compreensão de texto

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 1

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO

Tema: Elementos da dança.

Objetivo: Aprofundar a observação, a reflexão e a investigação de elementos da dança.

Material: suporte audiovisual.

Onde fazer: sala de aula.

INTRODUÇÃO

Além da catira e do carimbó vistos anteriormente, talvez os estudantes conheçam danças como: o passinho e o country. Pergunte a eles se conhecem a origem, seus passos característicos e as roupas com as quais se costuma dançar.

Você pode fazer uma rodada de investigação perguntando aos estudantes as experiências deles com danças de rua, de baile ou de salão: Vocês participaram dançando ou só viram pela televisão ou outras mídias? Deixe que falem livremente e, se precisar dar um direcionamento, contextualize as origens lembrando que esses exemplos foram dados pela similaridade e presença nos corpos contemporâneos. O movimento de pernas e pés visto no *charleston* e na ginga do *break* se parecem, por exemplo, com o rabisco do passinho carioca e a ginga da capoeira.

O *charleston* surgiu na década de 1920, nos cabarés da Carolina do Sul, nos Estados Unidos, pouco depois da Primeira Guerra Mundial e seu passo move o calcanhar para dentro e para fora; já o *break*, conhecido como dança de rua, surgiu em 1970 em Nova York. Foi criado pelas comunidades negra e latina com o objetivo de pacificar disputas territoriais da região e acabou por ganhar o mundo. Portanto, as roupas usadas para essas danças costumam fazer referência a época e local onde aconteceram.

DESENVOLVIMENTO

Em seguida, eles deverão observar, por meio das ilustrações do *charleston* e do *break*, o modo de fazer alguns passos de dança. Eles devem atentar aos apoios, ao uso do chão, à relação espacial, às partes do corpo e às dinâmicas de movimento, bem como observar as roupas usadas. Tudo isso diz respeito aos elementos da linguagem da dança, que podem ser estudados por imagens estáticas e depois percebidas pela consciência corporal.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 2

Tema: Elementos da dança: a base.

Objetivo: Tratar da importância dos pés para a dança.

Material: nenhum material específico.

Onde fazer: sala de aula.

DESENVOLVIMENTO

Conforme crescemos e nos afastamos fisicamente dos pés, estes tendem a ser associados de forma pejorativa ao chão, à sujeira, ao chulé, fadados ao confinamento dentro das chuteiras e dos sapatos. Em vez disso, poderiam estar relacionados aos pontos de acesso aos meridianos da medicina oriental e o principal contato com o planeta.

ENCERRAMENTO

Ao investigar e desenhar as representações dos pés, fale com os estudantes sobre a importância de conectar a base do corpo com sua vida diária, cuidando dessa parte e valorizando-a. Veja outros exemplos de expressões com “pé”: “pé de breque”, para quem não avança com facilidade; “pé do ouvido”, para se falar baixo e próximo; “passar o pé”, para o ato de enganar; “pé na jaca”, quando se cometem exageros; “dar no pé”, usado para fugir de algum lugar ou de alguém; “em pé de igualdade”, indivíduos que estão em situação parecida; “estar aos pés de alguém”, estar apaixonado; “em pé de guerra”, estar em conflito, discórdia ou desavença; “com o pé atrás”, estar desconfiado; etc.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 3

Tema: Elementos da dança
Objetivos: Aprofundar a observação, a reflexão e a investigação de elementos da dança e organizar um sarau dançante.

Material: suporte audiovisual.
Onde fazer: sala de aula; outro espaço disponível, de preferência fora da sala de aula.

INTRODUÇÃO

A proposta é aprofundar a observação e a investigação para, no final, chegar ao compartilhamento de uma criação dançante. O objetivo

é engajar a turma nos processos de pesquisa e reflexão para reforçar conteúdos da linguagem da dança. Ao notarem os saberes de outras pessoas, de outros contextos, de outras épocas, espera-se promover nos estudantes um aumento qualitativo na aprendizagem pela via corporal afetiva. Seja por meio da imitação, seja pelo improviso, as tendências pessoais de cada estudante o guiarão nas formas de absorver os dados pesquisados com familiares e na internet, apropriar-se deles e retransmiti-los para a própria comunidade escolar.

DESENVOLVIMENTO

Na pesquisa, os estudantes vão refletir sobre as semelhanças e as diferenças entre as pessoas fazendo paralelos entre as danças do passado e as do presente. Além disso, vão identificar quais danças apreciam para escolher uma delas, praticá-la e apresentar aos colegas na escola. Oriente-os para que trabalhem dentro de um planejamento. Observe, a partir das devolutivas deles, se será necessário criar uma estrutura para as apresentações da turma. Os estudantes podem formar grupos de acordo com as preferências de cada um ou dançar individualmente. Eles devem chegar a um consenso quanto a data, local e ordem das apresentações. Verifique se os grupos precisarão ensaiar seus temas e fazer um ensaio geral um dia antes ou se o compartilhamento será mais informal, apenas na sala de aula. Eles devem pensar nos trajes que vão usar, que podem ser trazidos de casa ou produzidos na escola. Avalie a pertinência e a adequação dos trajes para as apresentações.

ENCERRAMENTO

Tenha disponível um aparelho de som na sala de aula e/ou no local que os estudantes escolherem para dançar. Oriente-os sobre a postura de plateia, que deve ser respeitosa. Depois, abra uma roda de discussão para aprofundar questões que eventualmente possam surgir e avaliar o processo desde a pesquisa até a realização.

UNIDADE 3

PLANO DE AULA: DANDO VIDA A OBJETOS E BRINCANDO COM LUZ E SOMBRA

Duração: 2 aulas.

Habilidades trabalhadas:

- EF15AR18
- EF15AR21
- EF15AR22

Componentes essenciais de alfabetização da PNA:

- Produção de escrita
- Interpretar e relacionar ideias e informações
- Desenvolvimento de vocabulário

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 1

Tema: Teatro de objetos.

Objetivos: Perceber como objetos podem ser utilizados para representar personagens. Estimular a criatividade e a imaginação por meio da ressignificação de objetos.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO

DA EDITORA DO BRASIL

Material: nenhum material específico.

Onde fazer: sala de aula.

INTRODUÇÃO

Vamos refletir com os estudantes sobre diferentes formas de fazer teatro. Entre elas, o teatro com objetos. Vamos, com essa proposta, estimular os estudantes a ressignificar objetos ao pensarem na possibilidade de utilizar objetos na representação teatral, transformando-os e tornando-os expressivos. Para apresentar esse tema, é importante verificar os conhecimentos dos estudantes sobre teatro de objetos. Verifique se já assistiram a alguma apresentação e, em caso positivo, peça que compartilhem a

experiência com a turma. Se nunca assistiram a alguma peça de teatro de objetos, é importante conversar para verificar como imaginam que seria um teatro com objetos e, em seguida, mostrar vídeos e imagens de grupos teatrais que se dedicam a pesquisar essa linguagem. Você os encontra facilmente na internet. Atualmente, já existem diversos grupos ao redor do mundo explorando essa possibilidade.

DESENVOLVIMENTO

Os estudantes devem observar as diferentes figuras e tentar imaginar personagens que elas poderiam representar. Assim, ao lado de cada figura, devem desenhar esse personagem, partindo do objeto, mas inserindo novos elementos que o caracterizem. É importante enfatizar que não há certo ou errado nessa proposta. Ela é totalmente individual e singular. Cada estudante vai imaginar, à sua maneira, o que ele consegue enxergar além do próprio objeto. Pode ser que eles imaginem coisas parecidas pela forma do objeto, mas pode ser que imaginem coisas absolutamente diferentes. Compartilhar essas diferenças enriquecerá ainda mais a proposta. O trabalho com objetos abre uma porta imensa para a criatividade e a imaginação. Um mesmo objeto pode ser transformado em inúmeras coisas.

Para ampliar e enriquecer a proposta e concretizar as ideias de transformação dos objetos em personagens que foram imaginados com os desenhos, você e os estudantes podem repetir a experiência utilizando objetos reais, disponíveis na sala de aula. Você pode mostrar um apagador, uma caneta, um óculos, entre outros objetos, e pedir para que os estudantes os observem e transformem, colocando olhos, enfeites etc., tentando caracterizá-los como personagens.

ENCERRAMENTO

Pergunte aos estudantes, depois de fazerem os desenhos e compartilharem com os colegas, sobre as dificuldades que tiveram para realizar a proposta: Foi fácil imaginar personagens a partir da figura do objeto? Qual objeto foi mais fácil? Teve algum que você não conseguiu imaginar nada? Vocês imaginaram personagens parecidos? Vocês têm ideias de outros objetos que seriam interessantes para esse trabalho?

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 2

Tema: Luz e sombra.

Objetivo: Verificar e fixar conhecimentos sobre uso da luz para a projeção de sombras.

Material:

- lanterna;
- caderno.

Onde fazer: sala de aula.

INTRODUÇÃO

Assim como fizemos com o teatro de objetos, para introduzir o tema do teatro de sombras, é interessante perguntar aos estudantes se eles já assistiram a algum espetáculo desse tipo, se já encenaram algum ou como imaginam que esse tipo de teatro pode acontecer.

Antes de encaminhar a proposta, tente brincar com a sombra das mãos na parede. Pergunte se alguma criança sabe fazer uma forma com as mãos, produzindo sombras diferentes. Com isso, você irá despertar a curiosidade dos estudantes para o tema a ser trabalhado em seguida. Ainda que os estudantes não tenham vivido experiências com teatro de sombras, certamente já brincaram com elas, percebendo como podem se transformar em figuras diferentes.

Em seguida, proponha o experimento com luz e sombra. Os estudantes compreendam como ocorre o fenômeno da sombra. Com isso, eles terão mais recursos com luz e sombra para realizar os experimentos cênicos que serão sugeridos depois.

DESENVOLVIMENTO

Compreender como a sombra se transforma a partir da distância entre a fonte luminosa e o obstáculo (que aqui é a figura a ser projetada) é um recurso bem interessante que pode ser utilizado no teatro de sombras. Com o domínio dessa técnica, podemos ampliar ou diminuir as figuras conforme desejamos, criando contrastes entre figuras, distorcendo a imagem, deixando aparecer apenas uma parte da figura, entre outras possibilidades.

Com o exercício, os estudantes vão verificar e fixar esse conhecimento, fazendo testes da sombra no papel. Eles devem escolher objetos pequenos para produzir a sombra no caderno utilizando uma lanterna. A lanterna não deve ficar acima do objeto e sim, na mesma altura. Se eles posicionarem acima do objeto, a sombra ficará abaixo dele; é, inclusive, interessante que vocês façam esse teste colocando a lanterna acima e verificando a diferença. Se preferirem, realizem a proposta com uma cartolina colada na parede e registrem, no livro, apenas o resultado.

Os estudantes deverão posicionar a lanterna mais próxima do objeto para produzir uma sombra maior e mais distante para produzir uma sombra menor. Caso estejam confusos com essa questão, vão descobrir na prática como produzir sombras de tamanhos diferentes. Contornar com o lápis vai ajudá-los a compreender e fixar esse conhecimento.

ENCERRAMENTO

Os estudantes devem responder como fizeram para conseguir sombras de diferentes tamanhos. Peça a eles que compartilhem as respostas e verifique se todos chegaram à mesma conclusão e que outros elementos interferiram na experiência. Se conseguirem realizar a proposta em um ambiente bem escuro, será melhor. Mas funciona também no claro, desde que utilizem uma lanterna.

PLANO DE AULA: CRIANDO HISTÓRIA E PERSONAGEM

Duração: 4 aulas.

Habilidades trabalhadas:

- EF15AR18
- EF15AR21
- EF15AR22

Componentes essenciais de alfabetização da PNA:

- Produção de escrita
- Interpretar e relacionar ideias e informações
- Desenvolvimento de vocabulário

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 1

Tema: Teatro e características regionais.

Objetivo: Criar uma história inspirados em características do teatro de cordel. Perceber como as características de uma cultura e do dia a dia podem inspirar criações teatrais.

Material: nenhum material específico.

Onde fazer: sala de aula.

INTRODUÇÃO

As produções teatrais, muitas vezes carregam características típicas de uma cultura, de uma comunidade, de uma região. Escolhemos o teatro de cordel para exemplificar essa questão, pois nele podemos identificar fortemente características do Nordeste. Outro exemplo seria o teatro de mamulengos, que muitas vezes também utiliza o cordel e que, da mesma forma, expressa características típicas da cultura nordestina. Mas, para que o teatro de cordel sirva de inspiração para que os estudantes pensem sobre as características de sua própria cultura, de sua região, e transformem isso em uma história teatral, é importante que conheçam um pouco mais sobre as características do cordel. O teatro de cordel é uma forma de teatro baseada na literatura de cordel. Para auxiliar os estudantes na criação da história, busque exemplos de literatura de cordel para apresentar a eles. Assim, quanto mais textos de cordel você puder mostrar aos estudantes, mais eles se apropriarão de suas características. No teatro, além do texto de cordel, podemos observar características na música (normalmente xote, forró, baião), nos figurinos e cenário, no sotaque... Se puderem acessar algum vídeo, será ainda melhor.

Depois que eles já tiverem se aproximado da linguagem do cordel, a ideia é que os estudantes criem uma história que explore características de sua cultura ou do seu dia a dia. Também podem utilizar elementos típicos do teatro de cordel, que podemos observar em textos desse tipo de literatura. Conversem sobre a estrutura dos versos (no cordel, geralmente os versos são

estruturados em sextilhas, setilhas ou décimas) e a presença de rimas.

DESENVOLVIMENTO

Separe a turma em dois grupos para a criação da história. Não se preocupe se o texto não ficar exatamente com as características do cordel, a ideia é apenas inspirar os estudantes a trabalhar com características regionais. Mas se vocês tiverem a chance de se aprofundar um pouco na literatura e teatro de cordel, é possível solicitar aos alunos a criação de um texto mais similar ao cordel, utilizando versos com rimas. Esperamos que os estudantes tenham se apropriado de algumas características do cordel, mas será natural se ainda não dominarem a forma da escrita. Queremos que o cordel seja mais uma inspiração para a criação e que, por meio dele, olhem para aquilo que é típico, característico de sua região, de sua cultura, utilizando essas características em sua criação.

ENCERRAMENTO

É também importante orientar os estudantes sobre como escolher o tema para iniciar o texto coletivo. Eles devem pensar em algo que faça parte da realidade deles: acontecimentos da cidade, da escola, do país, assuntos que têm sido tema recorrente. E podem incluir personagens típicos, figuras de histórias conhecidas, músicas típicas da região, piadas...

Depois de cada grupo terminar sua história, peça que a apresente lendo-a para os demais estudantes. Observe com eles se os grupos fizeram histórias parecidas ou diferentes, se todos conseguem identificar as características típicas da região e se essas características aparecem de forma semelhante nas duas histórias. Depois, peça aos estudantes que identifiquem os personagens de cada história, pois, nas propostas a seguir, eles irão se basear nesses personagens.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 2

Tema: Teatro de bonecos.

Objetivo: Apropriar-se de técnicas para a construção de bonecos.

Material:

- uma meia velha (quanto mais comprida, melhor);
- tesoura com pontas arredondadas;
- cola;
- botões, fitas, laços, palitos, penas, tampinhas e qualquer outro material para enfeitar o boneco;
- pedaço pequeno de papelão.

Onde fazer: sala de aula.

INTRODUÇÃO

Os estudantes são convidados a construir bonecos para alguns desses personagens. Eles serão utilizados no final da proposta, quando a turma encenará a história.

São muitas as possibilidades de teatro de bonecos. No Nordeste, temos o mamulengo. Nele, alguns bonecos são feitos com luvas (fantoques que vestimos na mão), outros com vara. A cabeça dos bonecos pode ser esculpida em madeira ou feita de papel machê e a roupa, de tecido. Mas também existem as marionetes, bonecos esculpidos, outros tipos de fantoches, dedoches. Para essa proposta, o objetivo é criar um boneco para teatro de bonecos. Optamos por fazer um boneco com meias pela simplicidade e facilidade: ele pode ser feito com pouquíssimo material, não precisa costurar e é fácil de ser confeccionado em sala de aula ou ainda como lição

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

DESENVOLVIMENTO

Comente com os estudantes que o ponto principal para a criação do boneco é a criatividade para inventar o personagem e caracterizá-lo com os materiais que forem possíveis. O formato, no caso do boneco de meia, é sempre o mesmo. O que muda são os adereços, os enfeites que vão utilizar. Eles devem se basear nos personagens da história criada anteriormente, mas não tem problema se quiserem construir personagens que não apareceram na história. Eles podem, depois, tentar incluí-los.

Durante a confecção do boneco de meia, a parte de colar o papelão é opcional, mas ajuda a

dar o formato e um acabamento melhor à boca do boneco. No entanto, o que de fato é importante é o modo de vesti-lo: faça um “L” com a mão, deixando o polegar separado dos demais dedos. Os quatro dedos ficarão onde ficam os dedos na meia (que será a cabeça do boneco) e o polegar fica mais próximo ao calcanhar na meia. Abrindo e fechando as mãos, temos o boneco falando!

ENCERRAMENTO

Enfeitar o boneco é essencial. Sugerimos alguns materiais interessantes para colar na meia, quanto mais materiais disponíveis, mais possibilidades os estudantes terão de criar à sua maneira. Não determine como os olhos precisam ser feitos, por exemplo. Deixe que criem e que, inclusive, pensem em outras possibilidades de criar bonecos, diferentes dos bonecos de meia.

É importante reforçar que, nesse tipo de trabalho, a criação dos estudantes é sempre mais importante do que a possibilidade de copiar, de simplesmente reproduzir algo já definido. É interessante que eles aprendam como criar um boneco com luvas, mas com muita liberdade para criar.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 3

Tema: Teatro de sombras.

Objetivo: Apropriar-se de técnicas para a construção de bonecos e teatro de sombras.

Material:

- caixa de papelão;
- papel de seda branco;
- cola;
- tesoura com pontas arredondadas;
- caneta hidrocor;
- papel cartão preto ou de cor escura;
- palito de churrasco;
- lanterna.

Onde fazer: sala de aula.

INTRODUÇÃO

Oriente os estudantes para que construam figuras para serem usadas na história que eles criaram. Não precisa ser apenas personagens, podem ser partes do cenário (árvores, casas, prédios, carros etc.), pois na última proposta eles devem fazer uma encenação misturando todas as formas de teatro estudadas até aqui. Construir um cenário também contribuirá para essa encenação.

Considerando que já terão criado alguns personagens de fantoche, essa possibilidade de criar outras figuras (objetos, cenários) para o teatro de sombras pode ser bem interessante. Mas se optarem por criar os personagens para o teatro de sombras, eles podem misturá-los com os fantoches na hora de encenar. O importante, nesse momento, é eles experimentarem as duas formas de teatro: sombras e bonecos.

DESENVOLVIMENTO

É possível construir o teatro de sombras com uma caixa de várias formas. Não precisa ser exatamente como sugerimos aqui. O importante é garantir que tenha essa superfície branca, que sugerimos que seja papel de seda, mas pode ser papel vegetal ou papel-manteiga. As figuras devem ser feitas no papel preto ou escuro porque ficam mais bem projetadas do que se forem claras. Mas é possível utilizar a caixa-teatro com outros tipos de figuras, até mesmo com brinquedos e objetos, como estudamos anteriormente.

Dependendo do tamanho da caixa (se tiverem uma caixa bem grande, será melhor), estimule os estudantes a produzir a sombra dos fantoches, além da sombra de suas mãos.

ENCERRAMENTO

Ao final, vocês precisarão de uma fonte luminosa, que pode ser uma lanterna ou um abajur. Se for um abajur, é importante que consigam mexer nele, mudando a direção, por exemplo.

De preferência, utilizem uma caixa de papelão de média para grande, para que vocês tenham mais espaço de cena. Na hora de realizar o teatro de sombras, coloque a caixa em uma mesa e, se possível, coloque um pano na mesa, escondendo os estudantes que vão manipular as figuras.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 4

Tema: Criação teatral.

Objetivo: Desenvolver a criatividade por meio de uma criação teatral. Experimentar diferentes formas de fazer teatro, misturando elementos como sombras, bonecos, objetos.

Material: bonecos e teatro de sombras construídos anteriormente.

Onde fazer: sala de aula.

DESENVOLVIMENTO

Divida os estudantes em dois grupos; use a mesma divisão feita para a criação da história. Cada grupo deverá representar seu texto utilizando as diferentes técnicas e linguagens teatrais que conheceram. Podem usar seu teatrinho de sombras e seus bonecos de meias mas também projetar a própria sombra na parede, atuar diretamente ou utilizar objetos para representar personagens. O texto, criado anteriormente, será o ponto de partida. Mas diga que eles podem ampliar essa história incluindo novas partes para dar espaço para todos os bonecos criados, para conseguirem usar todos os recursos que escolherem. Ou seja, pode ser que criem toda a cena baseada no texto criado previamente, ou que ele apareça apenas em alguma parte do teatro.

ENCERRAMENTO

Deixe uma aula para que os estudantes criem e ensaiem a apresentação. Na aula seguinte, disponibilize mais um tempo de ensaio e, ao final, peça a cada grupo que se apresente.

Converse avaliando o trabalho com os estudantes: Que técnicas cada grupo utilizou (teatro de bonecos, objetos, sombras)? O que os grupos fizeram de parecido ou diferente? Como foi misturar tantas coisas em uma peça só? E o texto? Conseguiram identificar características de sua cultura, de sua região?

Pergunte aos estudantes se foi possível visualizar bem as sombras no teatro de sombras (caso tenham utilizado) e se conseguiram integrar essas diferentes formas de fazer teatro. Após conversarem sobre cada apresentação, peça que os grupos avaliem o que poderiam melhorar e ensaiem novamente alterando o que for preciso.

UNIDADE 4

PLANO DE AULA: MUSEUS E CENTROS CULTURAIS

Duração: 2 aulas.

Habilidades trabalhadas:

- EF15AR01
- EF15AR05
- EF15AR07

Componentes essenciais de alfabetização da PNA:

- Produção de escrita
- Desenvolvimento de vocabulário

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 1 MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA EDITORA DO BRASIL

Tema: Cultura e comunidade.

Objetivos: Explorar os sistemas da arte. Investigar e identificar relações entre cultura e comunidade.

Material:

- câmera ou celular que filme;
- meios de pesquisa (computador, celular, livros, jornais).

Onde fazer: na sala de aula ou na biblioteca, se necessário; se for possível, em um centro cultural, museu ou associação artística da cidade.

INTRODUÇÃO

Essa revisão vai abarcar diferentes espaços onde a arte pode acontecer. Começaremos com uma pesquisa sobre alguns espaços que promovem a veiculação de trabalhos artísticos – centros culturais, museus, galerias digitais, arte urbana e feiras de arte popular –, refletindo sobre alguns locais de circulação e fruição do sistema das artes. O principal foco é chamar a atenção para como a arte circula, tanto do ponto de vista dos artistas e criadores quanto do ponto de vista do público. Instigue os estudantes a pensar sobre esse tema.

Você pode fazer uma rodada de investigação perguntando a eles que experiências já tiveram com trabalhos de arte e arte popular. Deixe que falem livremente a respeito, sem direcionar muito esse primeiro momento.

DESENVOLVIMENTO

Fique atento para destacar a multiplicidade de linguagens que pode estar presente em algum deles. Tire as dúvidas dos estudantes, mas incentive-os a buscar as respostas antes. Eles podem pesquisar pela internet, mas é importante que falem com as próprias palavras, sem texto decorado. A intenção aqui é compreender e detectar dúvidas que eventualmente podem aparecer ao longo do processo. É importante, inclusive, deixar bem claro que a dúvida não é algo ruim, pelo contrário, nos faz refletir.

Nem sempre fica claro como a arte produzida por criadores pode ficar disponível. Essa pesquisa colabora com essa curiosidade e busca começar a dar visibilidade a este sistema. É muito comum associarmos a palavra **artista** a celebridades ou figuras televisivas. Se for esse o caso, com sua turma, aproveite a oportunidade para esclarecer a diferença entre alguém que cria algo, seja na dramaturgia, em dança, artes visuais, na atuação ou na música, e alguém que tem visibilidade apenas pela exposição em mídias televisivas ou na internet.

Esse também é um bom momento para compartilhar dúvidas sobre o que cabe dentro do conceito de arte para cada um e para a turma como um todo. Vale lembrar que o conceito de arte muda em diferentes épocas, mas também

em diversos contextos. Foque mais as linguagens, o desenvolvimento de uma poética, do que o virtuosismo ou a capacidade técnica dos artistas. Vale lembrar que há muitas maneiras de se fazer arte e que nem todas estão ligadas à capacidade de reprodução da realidade. Estimule o senso crítico, mas pensando em ampliações.

ENCERRAMENTO

Abra uma roda de conversa ao final da atividade para aproveitar a ocasião e revisar os olhares sobre cada um dos espaços de circulação.

É hora de fazer o levantamento sobre a efetividade da pesquisa e do compartilhamento. Você pode usar algumas perguntas para conseguir avaliar melhor este aprendizado, por exemplo: Eles conseguiram entender as diferenças entre museus, centros culturais, espaços de arte urbana (como o grafite), feiras de arte popular? É importante que você também se aproxime desse conteúdo para que possam partir dessas ideias e definições para então se aprofundar no tema, pensando na relação entre esses espaços e a vida deles. Eles têm o hábito de frequentar esses lugares? E a escola, propicia essas experiências? Pode ser um bom momento para propor à direção esse tipo de atividade.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 2

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO

Tema: Cultura e comunidade

Objetivo: Fazer uma reportagem ou um jornal mural sobre um centro cultural.

Material:

- cartolina ou papel kraft;
- canetas ou lápis coloridos;
- meios de pesquisa (computador, celular, livros, jornais).

Onde fazer: sala de aula.

INTRODUÇÃO

Vamos investigar algum local na sua cidade que seja um espaço de circulação de arte e cultura. Depois de pesquisarem, é hora de aprofundar

a investigação. Assim, os estudantes irão visitar uma instituição ou espaço cultural, não apenas para se aproximar e conhecer mas também para pensar sobre o que gostariam de saber sobre seu funcionamento e existência.

DESENVOLVIMENTO

Na hora de buscar com os estudantes qual será o local a ser pesquisado, dê prioridade a espaços de arte. Se houver um centro cultural e um centro histórico, por exemplo, dê prioridade ao primeiro, pois ele se relaciona mais diretamente com o que vamos explorar nesta unidade. Uma associação de artistas populares, por exemplo, pode também ser um lugar muito interessante para essa reportagem.

Vale sempre lembrar que vamos evitar a separação de objetos culturais em arte versus artesanato. No lugar disso, a proposta é que olhemos para a arte popular como expressão cultural local, dando a importância que ela tem e evitando rótulos e inserções do tipo “alta cultura” e “baixa cultura”, não apenas anacrônicos como muito pouco interessantes do ponto de vista do olhar para a cultura de modo geral.

Se possível, tente articular uma visita com os integrantes da escola e as famílias dos estudantes. O aprendizado vivencial é muito mais rico. Além disso, se for algum lugar no entorno da escola, os dois farão parte da mesma comunidade expandida, dando ainda mais profundidade à atividade.

É muito comum que as instituições contem com ações educativas, que podem acontecer de várias maneiras: visitas agendadas, material distribuído ao público em geral e/ou aos professores, entre outras tantas possibilidades. Entre em contato com a instituição escolhida e fale sobre a pesquisa de campo que sua turma está organizando. Você pode, por exemplo, combinar mais de uma coisa nessa ida ao local: uma visita agendada e, em seguida, uma conversa informal com alguém da instituição que possa sanar as dúvidas e aguçar a curiosidade dos estudantes. Uma conversa será sempre mais rica do que uma fala institucional, especialmente na idade deles. Se for possível que a família esteja junto, tanto melhor, pois a ação acaba

por mobilizar a comunidade expandida dos estudantes, como também da escola.

Em seguida, é hora de criar o jornal mural, para compartilhar o que aprenderam. Ajude-os a filtrar as informações que consideraram mais relevantes. Embora seja importante que pratiquem a objetividade, esteja atento para não direcionar demais o que será apresentado. É fundamental que eles possam fazer essa curadoria, escolhendo o que de fato, nesta experiência, dialoga com a vida deles e o que ficou mais evidente neste aprendizado. No final, se sentir que faltou alguma informação importante para ser compartilhada, você pode sugerir a contribuição, apenas como um complemento.

ENCERRAMENTO

Depois que o jornal mural estiver pronto, você pode organizar uma conversa com outras turmas. Os estudantes podem responder a perguntas de outros colegas que não fizeram a atividade, contando um pouco da sua experiência e reforçando os aprendizados. Lembre-se de que, caso não saibam alguma resposta, podem (e devem) ou perguntar a você ou sugerir que a dúvida seja encaminhada para o próprio espaço cultural. Muitas vezes associamos erroneamente não saber uma resposta a algo vergonhoso, mas é fundamental que estimulemos os estudantes a dar respostas que estejam conectadas com pesquisas e informações confiáveis. Compartilhar com um palpite ou com base apenas em um opinião pode, em alguns casos, promover desinformação.

PLANO DE AULA: COMPARTILHAR O SABER

Duração: 4 aulas.

Habilidades trabalhadas:

- EF15AR01
- EF15AR05
- EF15AR07

Componentes essenciais de alfabetização da PNA:

- Produção de escrita
- Desenvolvimento de vocabulário

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 1

Tema: Cultura e comunidade.

Objetivo: Investigar e identificar relações entre cultura e comunidade.

Material: nenhum material específico.

Onde fazer: sala de aula.

INTRODUÇÃO

Vamos investigar, de uma maneira indireta, uma das facetas do que chamamos de cultura. Quando pensamos na cultura brasileira, por exemplo, muitos elementos vem à nossa mente. Aqui vamos trazer essa ideia de conjunto de procedimentos e saberes, que dão a uma comunidade códigos comuns e senso de pertencimento para uma esfera bem próxima: a familiar.

Nesta etapa, fale um pouco sobre a importância dos saberes na composição de uma comunidade, iniciando pela família.

DESENVOLVIMENTO

Para mergulhar nessa investigação sobre o que são saberes, vamos partir da observação. Antes de mais nada, indique a diferença entre um saber e uma ocupação profissional. Uma pessoa pode ser boa cozinheira, ainda que não trabalhe com alimentação, por exemplo. Em alguns casos, as esferas pessoal e profissional podem se comunicar, mas isso não precisa ser regra. Vamos falar sobre uma ampliação de um saber ou de um talento. Nem sempre aplicamos nossos talentos na esfera profissional, de modo direto. Da mesma forma, nem sempre a atividade profissional, remunerada, é capaz de nos definir completamente. Não nos interessa separar o que é uma atividade “séria” de um hobby ou algo do tipo. O interesse, de fato, está em perceber como uma pessoa é formada por múltiplas camadas, talentos e potencialidades, para em seguida dar o passo para o assunto principal: como a cultura se constrói, como se mantém e como se transforma a partir da ação das pessoas de uma comunidade, iniciando pela família.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 2

Tema: Cultura e comunidade.

Objetivo: Investigar e atuar em práticas de troca de saberes comunitários.

Material: nenhum material específico.

Onde fazer: sala de aula.

INTRODUÇÃO

Estimule os estudantes nessa investigação. É muito importante que fique claro, tanto para você quanto para eles, que se trata de um tipo de conhecimento que não necessariamente é somente técnico ou tem a ver com a ideia que temos da profissão.

DESENVOLVIMENTO

Você pode dar alguns exemplos: cozinhar, costurar, contar histórias, consertar coisas, ajudar os outros, correr, tocar um instrumento, dançar, escrever, desenhar.

A partir desses exemplos, vale pedir que observem a rotina em casa, na escola, em seu trajeto, a fim de ampliar essa lista e refletir mais profundamente sobre esses saberes.

ENCERRAMENTO

Deixe que os estudantes compartilhem o que aprenderam de forma ampla. Ajude-os a listar, lembrando de colocar, ao lado, o nome da pessoa que detém o conhecimento. Isso será fundamental para a última etapa!

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 3

Tema: Cultura e comunidade.

Objetivo: Investigar e atuar em práticas de troca de saberes comunitários.

Material:

- cartolina ou papel kraft;
- canetas e lápis coloridos.

Onde fazer: sala de aula.

INTRODUÇÃO

Esse é o momento de observar o conjunto e exercitar o olhar analítico dos estudantes. O agrupamento em conjuntos é uma prática excelente para fazer com um grupo grande, porque é muito comum que haja discordâncias, o que evidencia que podemos olhar para conjuntos com diferentes abordagens. Não se preocupe se isso, que a princípio pareceria uma dificuldade, acontecer.

DESENVOLVIMENTO

Aproveite a oportunidade para mostrar que há muitos modos de olhar para cada um dos saberes. Os títulos vão ajudá-los nisso. Deixe que sugiram livremente, no máximo ajudando em algum ajuste, se necessário, nas palavras escolhidas.

Práticas como essa evidenciam como olhares diferentes podem enriquecer o grupo, trazendo novas perspectivas e ampliando o modo de olhar de cada estudante.

ENCERRAMENTO

Se houver muita disputa por algum conceito, use a ferramenta da votação. Além de uma boa saída, ela ensina a prática democrática em sala de aula, assunto importante para o desenvolvimento da cidadania.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 4

Tema: Cultura e comunidade.

Objetivo: Investigar e atuar em práticas de troca de saberes comunitários.

Material:

- cartolina ou papel kraft;
- canetas e lápis coloridos.

Onde fazer: pátio da escola ou outro lugar aberto.

INTRODUÇÃO

Esta atividade amarra e aprofunda o encaideamento. É muito mais interessante para o

estudante compreender um sistema de circulação cultural se ele o vivencia numa esfera próxima.

DESENVOLVIMENTO

Auxilie os estudantes nas etapas de organização, montando equipes, se necessário. Não se preocupe em fazer algo grandioso. O foco está no encontro, que pode ser feito de forma simples.

Vamos partir da observação dos estudantes para sua própria família. A pergunta “Que coisas aquela pessoa sabe fazer bem?” é importante e deve gerar bastante reflexão. A fim de que a atividade seja um ganho para eles, é importante que, de saída, já fique claro que não haverá hierarquização entre os saberes. Caminhamos aqui para pensar justamente o oposto, ou seja, que todos os saberes são importantes e têm seu lugar na sociedade e na comunidade, independentemente de seu status. Uma tia que canta muito bem pode dominar esse saber mesmo sem exercer essa atividade profissionalmente, por exemplo. Alguém da família que é ótimo para explicar como as coisas funcionam não necessariamente é um professor. Mas, em ambos os casos, esses talentos e aptidões existem e devem ser destacados pelos estudantes em suas observações.

Na etapa posterior, em grupos pequenos, eles irão investigar a si mesmos: O que acham que fazem bem? Esteja atento e aproveite a oportunidade para a troca e a troca respeitosa. Combine com eles como procedimento, que não se trata de um tribunal, onde os colegas vão dizer se ele realmente tem ou não tem aquele talento. A situação em que alguém diz que é bom em algo e em seguida o colega faz uma piada desrespeitosa pode ser muito ruim para a autoestima de quem falou, além de eventualmente desestimular o desenvolvimento de uma aptidão ou interesse. Ninguém precisa ser o corredor mais rápido do mundo para correr bem. Evite esses índices que estão ligados a parâmetros externos e estimule os colegas a apontar qualidades em que está se investigando.

Após todos os levantamentos e trocas, é hora de reunir os saberes em conjuntos. Esta etapa dá visibilidade aos campos diferentes de atividades culturais, assunto que pauta toda esta unidade. Aproveite e exercite com eles a reflexão sobre isso, conectando a prática à experiência anterior, em que visitaram e investigaram instituições culturais. Estes conjuntos agrupados e escolhidos por eles serão importantes na próxima etapa, de compartilhamento.

Depois de investigar a relação entre arte, circulação, saberes, comunidade e cultura, chegou a hora de promover uma feira de troca, que dará ainda mais visibilidade a esses conteúdos. É hora de refletir como nossos saberes, seja os que aprendemos em família, seja os que aprendemos na escola ou os que inventamos e desenvolvemos a partir de nossos talentos, compõem a comunidade em que vivemos. Ajude-os nessa organização, mas abra espaço para que possam também sugerir, compor e protagonizar esta importante e divertida ação coletiva.

ENCERRAMENTO

Ao final, façam uma grande roda de avaliação, que pode acontecer com a família ou mesmo compor a própria programação do festival.

Ela pode ser vista como uma grande atração dentro do festival, um momento de celebrar e compartilhar os aprendizados. Você pode ser o mediador, fazendo a palavra circular.

Esta última alternativa é muito interessante porque abre espaço para que toda a comunidade escolar, de forma expandida e estendida às famílias, possa compor os pensamentos sobre as experiências vividas, a presença e a importância da cultura em nossa vida, rompendo o estereótipo de que cultura é algo distante e inacessível e reforçando sua definição de conjunto de saberes, tradições e expressões artísticas, materiais e imateriais que nos conectam numa mesma comunidade.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae (org.). *Inquietações e mudanças no ensino da arte*. São Paulo: Cortez, 2012.

Apresenta pontos significativos que proporcionaram mudanças no ensino da Arte nos últimos anos.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal_site.pdf. Acesso em: 23 ago. 2021.

A BNCC é o documento que define as aprendizagens, competências e habilidades que os estudantes do Brasil devem desenvolver em cada etapa da Educação Básica.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Alfabetização. *PNA: Política Nacional de Alfabetização*. Brasília, DF: MEC: Sealf, 2019. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/images/banners/caderno_pna_final.pdf. Acesso em: 23 ago. 2021.

Institui a Política Nacional de Alfabetização, cujo objetivo é melhorar a qualidade da alfabetização no país e combater o analfabetismo absoluto e o analfabetismo funcional.

CHIOVATTO, Milene. *O professor mediador*. [Viamão]: [Fundação Vera Chaves Barcellos], [2012]. Disponível em: http://fvcb.com.br/site/wp-content/uploads/2012/05/Canal-do-Educador_O-Professor-Mediador.pdf.

Acesso em: 23 ago. 2021.

Indica caminhos para a prática docente em Arte. COCCHIARALE, Fernando. *Quem tem medo da arte contemporânea?* Recife: Massangana, 2006.

Aborda o receio em apreciar a arte contemporânea e em se expressar em relação a ela.

LEENHARDT, Pierre. *A criança e a expressão dramática*. Lisboa: Editorial Estampa, 1974.

Trata de trabalhos sobre a expressão dramática da criança.

LOUPPE, Laurence. *Poética da dança contemporânea*. Lisboa: Orfeu Negro, 2012.

Aborda o surgimento da dança contemporânea com o propósito de formular uma teoria do movimento.

MARTINS, Mirian C.; PICOSQUE, Gisa. *Mediação cultural para professores andarilhos na cultura*. 2. ed. São Paulo: Intermeios, 2012.

Propõe situações para o leitor construir sua percepção sobre a mediação cultural.

MÖDINGER, Carlos Roberto et al. *Práticas pedagógicas em artes: espaço, tempo e corporeidade*. Porto Alegre: Edelbra, 2012.

Contém sugestões de trabalho para produzir e compreender a arte como construção social e cultural.

PILLAR, Analice (org.). *A educação do olhar no ensino das artes*. Porto Alegre: Mediação, 1999.

Aborda a importância de saber ler obras e cenas. REVERBEL, Olga. *Jogos teatrais na escola – Atividades globais de expressão*. São Paulo: Scipione, 2002.

Traz jogos teatrais com o intuito de ampliar o trabalho em grupo, a espontaneidade e a percepção. RICO, Rosi. *Conheça e entenda as competências gerais da BNCC*. Nova Escola, São Paulo, 2021. Disponível em: <https://novaescola.org.br/bncc/conteudo/1/conheca-e-entenda-as-competencias-gerais-da-bncc>. Acesso em: 23 ago. 2021.

Traz explicações sobre a BNCC e as competências gerais.

SANT'ANNA, Renata. *Saber e ensinar arte contemporânea*. São Paulo: Panda Books, 2010.

Dialoga com a prática do ensino de arte contemporânea por meio de atividades sugeridas.

SCIFONI, Simone. *Conhecer para preservar: uma ideia fora do tempo*. Revista CPC, São Paulo, v. 14, n. 27, p. 14-31, jan./jul. 2019. Edição especial. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4466.v14i27.espp14-31>. Acesso em: 23 ago. 2021.

Trata da relação entre o conhecimento sobre o patrimônio cultural e sua preservação.

SLADE, Peter. *O jogo dramático Infantil*. São Paulo: Summus, 1987.

Faz um paralelo entre o teatro e como a criança se representa nas brincadeiras.

SPOLIN, Viola. *Jogos teatrais na sala de aula: um manual para o professor*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

Aborda como o jogo, com sua força mobilizadora, pode ter função pedagógica.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

BEM-ME-QUER

mais

ARTE

LIVRO de

PRÁTICAS

e ACOMPANHAMENTO da

APRENDIZAGEM

Maria Helena Webster (Coordenação)

Especialista em História da Arte pela Universidade de Caxias do Sul (UCS)
Graduada em Artes Plásticas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
Coordenadora de livros didáticos de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio
Formadora de coordenadores e professores em Arte
Autora de livros dirigidos aos professores de Educação Infantil
Idealizadora e autora de conteúdo de site de Educação Infantil

Dafne Sense Michellepis

Formada em Dança pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)
Licenciada em Pedagogia pela Faculdade Alra América
Certificada pelo San Francisco International Orff Course (SFORFF)
Artista de dança, pesquisadora e arte-educadora
Professora especialista de dança no ensino formal
Mediadora em cursos de extensão sobre corpo e movimento na educação

Mairah Rocha

Formada em Música pela Faculdade Santa Marcelina (FASM)
Cantora e percussionista corporal
Educadora musical
Formadora de professores especialistas e generalistas na área de Música
Coautora de livros paradidáticos na área de Música para a Educação Infantil
Professora especialista de Música na Educação Infantil e Ensino Fundamental – Anos Iniciais no ensino formal
Professora de Música e Percussão Corporal para crianças, jovens e adultos em oficinas livres

Maucha Rocha Barros

Formada em Comunicação das Artes do Corpo – habilitação em Teatro pela Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP)
Licenciada em Artes pela Faculdade Belas Artes de São Paulo
Coordenadora de escola de música e teatro em São Paulo
Formadora de professores nas áreas de Teatro e Música
Coautora de livros paradidáticos na área de Música para a Educação Infantil
Colaboradora de livros didáticos na área de Arte para o Ensino Fundamental
Professora especialista de Teatro em cursos livres e Música na Educação Infantil e no Ensino Fundamental – Anos Iniciais

Stella Ramos

Formada em Educação Artística pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)
Pesquisadora, formadora, mediadora e coordenadora de projetos em Educação e Arte/Cultura
Desenvolvedora de materiais e jogos educativos para instituições culturais
Autora e coautora de ações artísticas que mesclam poesia e artes visuais
Pesquisadora e arte-educadora em Artes Visuais
Autora de livros didáticos para o Ensino Fundamental – Anos Finais e o Ensino Médio
Autora de disciplina sobre artes híbridas e escola contemporânea em curso de formação a distância para professores de Arte



Ensino Fundamental
Anos Iniciais
Arte

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

1ª edição
São Paulo, 2021

OLÁ, TUDO BEM?

O trabalho com as artes nos leva a perceber que o lugar que vivemos é muito maior do que apenas os lugares que frequentamos em nosso cotidiano, como nossa casa e a escola. Vivemos em um país enorme, com uma diversidade cultural muito importante, que deve ser conhecida, respeitada e preservada.

Agora, convidamos vocês a criar novas experiências para fixar conceitos e ampliar conteúdo e possibilidades relacionados aos temas gerais.

Este material foi desenvolvido para que vocês façam muitas atividades práticas, colocando a “mão na massa”, refletindo sobre o que já sabe para se expressar fazendo novas descobertas.

Boas práticas!

As autoras

**MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL**



SUMÁRIO

UNIDADE 1 • Passeando pela música do Brasil..... 5

O que vamos explorar?	5
Para revisar e reforçar	6
Onde os estilos musicais se encontram?	6
Para ampliar	8
Qual música toca aqui?	8

UNIDADE 2 • Dança para todos..... 11

O que vamos explorar?	11
Para revisar e reforçar	12
Catira e carimbó	12
Para ampliar	14
Ver, pensar e praticar	14

UNIDADE 3 • As muitas formas do teatro..... 17

O que vamos explorar?	17
Para revisar e reforçar	18
Dando vida a objetos	18
Brincando com luz e sombra	20
Para ampliar	21
Criando história e personagem	21

UNIDADE 4 • Arte por todo lugar..... 25

O que vamos explorar?	25
Para revisar e reforçar	26
Museus e centros culturais	26
Para ampliar	28
Compartilhar o saber	28

Referências	32
--------------------------	----

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL



PASSEANDO PELA MÚSICA DO BRASIL

O QUE VAMOS EXPLORAR?

O Brasil é um país muito grande e cada região tem características próprias, encontradas na música, na dança, no teatro, nas artes visuais, na comida e em outros aspectos de sua cultura.

Algumas dessas características são muito particulares e ocorrem apenas em determinado local. Já outras iniciaram em certo lugar, mas foram se espalhando e se misturando com características de outras localidades.

Nas próximas páginas, falaremos de alguns gêneros musicais típicos de certas regiões:

- a música caipira das regiões Centro-Oeste e Sudeste;
- o repente da Região Nordeste;
- o *rap* da Região Sudeste;
- a guitarrada da Região Norte;
- a música tradicional gaúcha da Região Sul.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA EDITORA DO BRASIL

Conhecemos características marcantes desses gêneros, suas diferenças e semelhanças, além de instrumentos que são tocados neles e em nossa música em geral.

Depois desse estudo, faremos uma pesquisa com a comunidade escolar e com sua família e amigos para saber quais os gêneros musicais e os artistas mais escutados em sua região. Para essa pesquisa, partiremos de seu gosto musical pessoal e de seu entendimento sobre o gênero musical mais famoso em sua região. Depois, você e seus colegas compartilharão suas respostas para chegar a uma lista dos gêneros mais escutados da turma e, por meio dela, ampliar a pesquisa, incluindo familiares e amigos.

O resultado dessa pesquisa será divulgado em painéis que irão informar a comunidade escolar sobre os gêneros e artistas mais conhecidos de sua região. Pronto para embarcar nessa viagem pelo país?



PARA REVISAR E REFORÇAR

ONDE OS ESTILOS MUSICAIS SE ENCONTRAM?

Chamamos de caipira o morador das zonas rurais do interior do país, os trabalhadores da roça. Por isso, a música feita por eles é chamada de **música caipira**, e o principal instrumento desse gênero musical é a viola caipira. Algumas músicas são apenas instrumentais, mas, em geral, o tema das canções (também chamadas "modas de viola") é a vida no campo dos boiadeiros e lavradores, o amor e a saudade, e elas são cantadas por duplas. As duplas caipiras usam duas violas ou uma viola e um violão.

A viola caipira é um instrumento muito antigo. Ela é uma modificação da viola portuguesa, que chegou ao Brasil com os portugueses.

A viola recebe diferentes nomes ao redor no país e pode ter algumas diferenças, como o tamanho e o número de cordas. Uma delas, a viola nordestina ou viola dinâmica, é bastante tocada no Nordeste, principalmente pelos repentistas.

O **repente** é uma manifestação artística caracterizada pelos improvisos, por isso o nome, que vem das ideias que surgem de repente! Os repentistas, como as duplas caipiras, também costumam se apresentar em duplas, acompanhados pelas violas, e cantam improvisando sobre temas que aparecem no momento ou que são dados por alguém da plateia.

Outro gênero musical que usa bastante o improviso é o **rap**. Ele saiu dos Estados Unidos e chegou inicialmente ao Sudeste do Brasil, mais precisamente à cidade de São Paulo, mas hoje já está por todo o país, principalmente nas grandes cidades.

No **rap** não escutamos a viola, mas o som das batidas feitas pelos **beatboxers** e pelos DJs. **Beatbox** é a técnica de imitar sons com a boca. Os **beatboxers** conseguem reproduzir perfeitamente o som de uma bateria e de vários instrumentos. Quem improvisa ao som dos **beatboxes** e **scratches** do DJ são os MCs, os Mestres de Cerimônia, que costumam falar principalmente da vida nas periferias das cidades.

Atualmente existem artistas que misturam o **rap** tradicional com instrumentos variados, como bateria, baixo, guitarra etc., e que fazem ao vivo a base que antes era feita pelo DJ.



Viola.

Tom Dily/Futura Press

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

A guitarra elétrica também é um instrumento de cordas, assim como a viola, mas foi inventada nos Estados Unidos em 1920. Ela precisa ser ligada a um amplificador para emitir som. A guitarra foi levada para todos os cantos do mundo, inclusive para o norte do Brasil, onde foi incorporada ao gênero musical paraense chamado **guitarrada**.

A guitarrada é uma mistura do carimbó paraense com ritmos da América Central, em que a guitarra é o principal elemento. Em geral, as músicas são instrumentais, ou seja, não têm letra, e quem toca o tema principal – chamado de melodia – é a guitarra. Além das guitarras, é comum escutar, nos arranjos de guitarrada, um contrabaixo e alguns instrumentos de percussão, como chocalhos, pandeiros e bateria.

No sul do país há a **música tradicional gaúcha**, que, assim como a música caipira, fala da vida no campo, da natureza, dos costumes locais e de animais como o cavalo e o boi. Essa música tem muita influência da música espanhola e da portuguesa e os principais instrumentos dela são o violão e a sanfona, que lá é chamado de gaita.

A sanfona também é muito utilizada no Nordeste, no ritmo que chamamos genericamente de **forró**.

Você percebeu que há semelhanças entre vários desses gêneros musicais?

- 1 Leia a tabela e veja algumas características dos gêneros apresentados. Identifique em quais deles estão presentes e liste-os na tabela.

USA VIOLA	música caipira/sertaneja (moda de viola), repente
USA GUITARRADA	guitarrada, rap (opcional)
USA GAITA/SANFONA	música gaúcha, forró
TEMÁTICA RURAL	música caipira, música gaúcha
TEMÁTICA URBANA	rap
VERSOS IMPROVISADOS	repente, rap
VERSOS COMPOSTOS PREVIAMENTE	música caipira, rap, música gaúcha
MÚSICAS INSTRUMENTAIS	guitarrada, moda de viola
MÚSICAS CANTADAS	música caipira, repente, rap, música gaúcha
MISTURA DE DIVERSOS RITMOS	guitarrada



PARA AMPLIAR

QUAL MÚSICA TOCA AQUI?

ETAPA 1

Nesta atividade, vamos conversar sobre os gêneros musicais brasileiros conhecidos por você e seus colegas e fazer uma pesquisa sobre os gêneros e artistas mais escutados em sua comunidade, que inclui a família, os vizinhos, os colegas e os funcionários da escola. Será algum estilo de sua região ou de outra região?

1 Qual é o gênero musical brasileiro que você mais gosta de ouvir?

Resposta pessoal.

2 Qual é seu artista brasileiro preferido?

Resposta pessoal.

3 Qual gênero musical você acha que é o mais escutado em sua região?

Resposta pessoal.

Em seguida, compartilhe suas respostas com os colegas. O professor organizará uma lista com os gêneros e os artistas citados por vocês. Essa lista será a base para as próximas etapas.



4 Escreva na tabela os votos que cada gênero e artista recebeu e grife os três primeiros colocados de cada categoria. Perceba se todo mundo conhece todos os citados ou se algum gênero ou artista era desconhecido da maioria.

GÊNERO MUSICAL	VOTOS
Respostas de acordo com o levantamento da turma.	

ARTISTA	VOTOS
Respostas de acordo com o levantamento da turma.	

ETAPA 3

Com as respostas em mãos, agora é hora de tabular os dados, ou seja, organizar as respostas em uma tabela. O professor colocará na lousa a tabela da **Etapa 1** e vocês vão incluir os votos coletados pela turma na pesquisa.

- 1 Somem os votos que cada gênero e artista recebeu, verifiquem quais foram os mais votados e preencham a tabela a seguir.



GÊNEROS	ARTISTAS
1º lugar:	1º lugar:
2º lugar:	2º lugar:
3º lugar:	3º lugar:



Ilustrações: Sofia V. Shutterstock.com

- 2 Escreva no caderno um texto sobre o resultado da pesquisa. Você esperava esse resultado? Seus artistas e gêneros preferidos foram os mesmos que sua turma escolheu? Os gêneros e os artistas mais votados são da sua região? O que mais você pôde observar com essa pesquisa?



ETAPA 4 MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA EDITORA DO BRASIL

Agora é o momento de criar painéis com o resultado da pesquisa e informações dos gêneros e dos artistas mais votados. Dividam-se em seis grupos, um para cada gênero musical e artista mais votado. Cada grupo fará um painel com fotos e informações sobre o gênero ou o artista e a colocação deles na pesquisa. Insira algumas informações, como:



- origem;
- os artistas que representam esses gêneros;
- os instrumentos usados;
- as músicas mais famosas.

Ao final, os grupos mostrarão os painéis para a turma. Vocês podem expô-los em um espaço fora da sala de aula para que todos conheçam os gêneros e os artistas mais escutados pela comunidade!

DANÇA PARA TODOS

O QUE VAMOS EXPLORAR?

Vamos explorar algumas manifestações de danças brasileiras e danças populares de outras partes do mundo, atentos às vestimentas, ao universo rítmico e suas ações características, por meio do corpo em movimento.

Também vamos observar qual parte do corpo é mais utilizada e como os ritmos e as formações espaciais interferem na construção do movimento dançado.

As partes do corpo, o espaço e o ritmo são elementos muito importantes para a dança. Por isso, começamos aprendendo a **catira**, uma dança que parece uma conversa entre a música típica das violas e a percussão das mãos e dos pés. A ocupação do espaço na catira se mantém no nível alto, ou seja, os catireiros não fazem movimentos sentados ou deitados no chão, eles dançam em pé.

Formando duas linhas, uma de frente para a outra, marcam bem sua posição, sem sair muito do lugar. Na outra dança, o **carimbó** também é dançado em pé, evoluindo em caminhos parecidos com o desenho infinito do número oito. O movimento não para nunca.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Vamos investigar expressões da linguagem que falam sobre o pé para reparar nas ilustrações do livro que ajudam a observar tanto os pés como outros pontos de apoio do corpo em danças e ações diversas.

As práticas sugeridas aqui exploram o corpo como um todo, mas também convidam a reparar em detalhes dos movimentos feitos desde outros tempos. Propõem, assim, uma investigação para descobrir, na família, quem gosta ou gostava de dançar. Você é capaz de aprender com os mais velhos, absorver os valores de outras épocas e transformar em sua dança de agora? No simples ato de tentar, a experiência já se torna valiosa!



PARA REVISAR E REFORÇAR

CATIRA E CARIMBÓ

CATIRA: UMA BOA CONVERSA

Para uma conversa acontecer é preciso que duas pessoas falem, mas não ao mesmo tempo. Uma boa conversa se estabelece quando uma pessoa fala e a outra escuta. Depois, a primeira que escutou falará, e a que falou ouvirá. Esse é o princípio do diálogo, muito importante para todas as relações sociais.

A catira é uma conversa entre a música feita pela viola e uma dança que usa as partes do corpo como instrumento. A conversa ocorre com as mãos e os pés seguindo o ritmo proposto pelo violeiro. Essa manifestação revela nossa riqueza cultural e celebra a vida no campo!

Vamos formar duas linhas, uma de frente para a outra, para dançar catira. É fácil, só precisa de concentração.

1. Para entrar na dança pela música, procure bater palmas baixinho, mas preste atenção no ritmo da catira.
2. Acrescente uma contagem de 1 a 4.
3. Agora, só no número 3, bata a palma com um som forte, mais alto.
4. Repita a marcação do ritmo substituindo as mãos pelos pés.

Para a conversa ficar ainda melhor, que tal um desafio? Os integrantes de uma linha podem combinar o uso das palmas e do sapateado para os integrantes da outra linha tentarem adivinhar o combinado.

No final, registre a dança que fizeram e mostre para os amigos e familiares. Esta pode ser uma conversa com bastante gente!

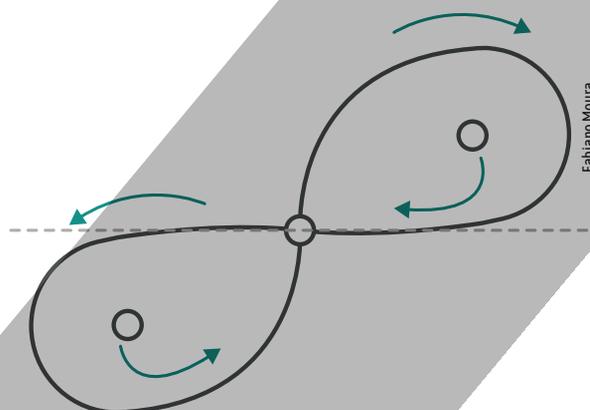


Grupos regionais fazem apresentação de catira na Granja do Torto, Minas Gerais.



GIRANDO NO CARIMBÓ

Sempre que vamos dançar, é preciso aquecer o corpo e o espírito. Vamos começar brincando de “pega-pega estátua” e, depois, transformar a brincadeira na dança do carimbó. Nessa brincadeira, um estudante será o pegador e os demais devem correr, esquivar-se e fazer curvas, evitando ser pegos. Quem for pego, deve congelar em uma posição e só pode voltar a correr quando outra pessoa o tocar dizendo “solto”.



Desenho que indica o movimento da dança do carimbó.

Com o corpo aquecido, ninguém mais será pego. Siga dançando pelo espaço e acrescente giros em volta de quem você cruzar pelo caminho. Pratique passar bem perto dos outros, sem tocar. No carimbó, os pares se aproximam e trocam de lado durante a dança, mas não se encostam. Experimente fazer trajetos parecidos com o número oito desenhado no chão, cheio de curvas e com muito balanço!

Inspirado na prática, o professor vai escrever na lousa quatro verbos. Ao sinal dele, procure fazer a ação do seu jeito, conforme a ordem estabelecida: 1, 2, 3 e 4.

Para transformar mais ainda a brincadeira em dança, reúna-se em grupo e, juntos, criem outras ordens em uma nova sequência. Você pode repetir ou intercalar movimentos. Transforme-a em coreografia e mostre aos colegas.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

- 1 Por que você acha que o corpo esquentou quando você correu?
Resposta pessoal.
- 2 Digam um verbo que represente algumas das ações praticadas. O professor vai escrever na lousa quatro sugestões. Façam os movimentos conforme a ordem estabelecida. *Girar, correr, parar, esquivar.*
- 3 Agora, vamos sortear uma sequência para os verbos. Todos vão mostrar no corpo a ordem sorteada. *Sortear e pedir aos estudantes que façam os movimentos. Por exemplo, na sequência 2, 1, 4 e 3, eles deverão fazer os movimentos que correspondem aos números.*
- 4 Para transformar a brincadeira em dança, faça os movimentos em grupo e desafie os outros grupos a descobrir qual foi a ordem da apresentação.





PARA AMPLIAR

VER, PENSAR E PRATICAR

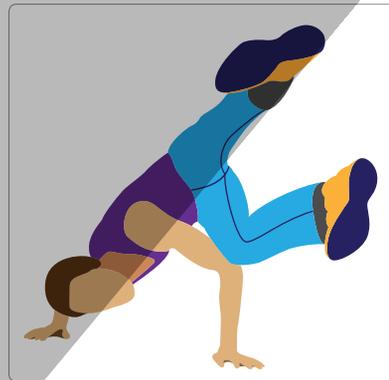
ETAPA 1

OBSERVANDO OS DETALHES

- 1** Observe as imagens a seguir e descreva suas impressões sobre os movimentos de dança.



Lainspiratriz/Shutterstock.com



Brenik/Shutterstock.com

- a)** Como são as roupas?

Charleston: vestido, calça e camisa social, sapatos; roupas sociais antigas. Break: calça jeans, camiseta, tênis;

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO

- b)** Como estão as mãos e os pés?

Charleston: mãos nos joelhos e pés no chão, uns para fora e outros para dentro. Break: mãos no chão e pés ao alto.

- c)** Qual parte está apoiada no chão?

Charleston: pés. Break: mãos.

- d)** Dramáticas, cômicas ou festivas, as danças podem manifestar vários sentimentos. A partir de suas observações, qual sensação essas danças são capazes de transmitir?

Resposta pessoal.

ETAPA 2

INVESTIGANDO AS ORIGENS

- 1** O pé é o nosso principal ponto de contato com o chão, e existem várias expressões na língua portuguesa que falam dele. Observe as imagens a seguir.



- a)** Qual ou quais imagens representam a expressão “pé na tábua”?

2, 3 e 4.

- b)** Qual ou quais imagens mostram outros pontos de apoio na “tábua”?

1

- c)** Procure se lembrar de alguma expressão que fale sobre o pé para fazer abaixo um desenho, como “ao pé da letra”. 


**MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL**

- 2** Vamos investigar a relação da nossa família com a dança: Quem na sua família é ou foi um “pé de valsa”, ou seja, alguém que gosta de dançar? Pode ser um irmão, seus pais ou responsáveis, avós, tios... Procure fotos ou vídeos das danças de que eles gostam. Se eles puderem demonstrar algum passo para você, melhor ainda! [Resposta pessoal.](#)

3 No caderno, anote as principais características de danças de outras épocas e compartilhe os resultados da pesquisa com a turma. Veja também se há relação entre as danças da sua comunidade e as estudadas aqui. *Resposta pessoal.*



4 Assista a alguns vídeos de dança, veja fotos de festas onde as pessoas estão dançando e tente descobrir em que ano essas danças surgiram, que roupas eram usadas para dançar, como era a formação, o uso das mãos, dos braços, dos pés, das pernas e da coluna, os apoios no chão e tudo mais que despertar sua curiosidade!

ETAPA 3

APRENDENDO COM AS DIFERENÇAS



Ilustrações: coffee-in/Stockphoto.com

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA EDITORA DO BRASIL

Você já parou para pensar como o mundo seria monótono se não existissem as diferenças? Temos que celebrar a diferença que existe entre o antes e o agora e entre as pessoas, pois é isso que enriquece o convívio.

Sabia que entre os dois lados do corpo também há diferenças? Um lado pode dominar certas habilidades, mas não é sempre bom em tudo. Você pode escrever com a mão direita, mas chutar melhor com a perna esquerda, por exemplo. Até o rosto tem um lado diferente do outro!

1 Refletindo sobre as características das danças que você pesquisou, qual você gostaria de apresentar? Em grupos, vamos escolher uma dança para apresentar na escola. Pensem nas roupas, na formação e nos principais movimentos para se divertir com essa linguagem artística em tempo real!



AS MUITAS FORMAS DO TEATRO

O QUE VAMOS EXPLORAR?

O teatro é uma arte muito rica e diversa. Podemos fazer teatro de muitas maneiras, não só com atores no palco mas também com formas animadas, como teatro de bonecos, objetos, sombras etc.

No **teatro de bonecos**, os personagens são representados por fantoches, mamulengos ou marionetes manipulados pelos atores. No **teatro de objetos**, os personagens ganham vida por meio do uso de objetos comuns! Tudo pode virar personagem: uma caneta, um telefone e até um garfo. Já no **teatro de sombras**, os personagens e todo o cenário são criados pela projeção de sombras de objetos, figuras de papel ou dos próprios atores.

Ao conhecer essas diferentes formas de teatro, percebemos a riqueza dessa linguagem e ampliamos o conceito de teatro. O teatro de animação oferece um enorme espaço para nossa imaginação! Precisamos explorar e criar vozes para esses personagens, que, diferentemente do teatro convencional (com atores), ganham vida com outros materiais, e não com nosso corpo.

Também refletiremos sobre como o teatro pode expressar características típicas de uma região e de uma cultura. O teatro de cordel é um ótimo exemplo para identificarmos isso. Ele surgiu na Bahia, onde a literatura de cordel é muito forte. Você conhece a literatura de cordel? Feita com versos rimados e temas que muitas vezes abordam o dia a dia da cultura nordestina, a literatura de cordel inspirou grupos teatrais, que passaram a fazer teatro com as mesmas características!

A partir dessa ideia, vamos pensar nas características de nossa cultura e do nosso dia a dia que podem servir de tema para uma história e ser usadas em uma representação teatral. Assim, vamos fazer uma representação teatral unindo todas as questões trabalhadas aqui: teatro de bonecos, de objetos e de sombras.



PARA REVISAR E REFORÇAR

DANDO VIDA A OBJETOS

Fazer teatro com bonecos e com objetos possibilita trabalhar a imaginação de forma criativa, dando vida e significado a objetos inanimados.

- 1 Observe os objetos a seguir. São objetos muito presentes no nosso dia a dia. Será que poderíamos fazer teatro com eles? No que esses objetos poderiam se transformar? Que personagens eles poderiam ser? Nos quadros, faça um desenho do objeto inserindo elementos e um nome, para que ele se transforme em um personagem. Veja um exemplo abaixo.



First_emotion/Shutterstock.com

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL



Holodova Valeri-Shutterstock.com

Xicorito



grey_and/Shutterstock.com



KozakSergij/Shutterstock.com



BT1976/Shutterstock.com



Evikka/Shutterstock.com

**MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL**



Kaytoo/Shutterstock.com

BRINCANDO COM LUZ E SOMBRA

A sombra é um fenômeno muito interessante que faz parte do nosso dia a dia. Ela nos abriga do sol, com ela percebemos os horários do dia, entre muitas outras coisas. Além disso, com ela podemos produzir arte, por exemplo, com o teatro de sombras.

Quanto mais conhecemos sobre luz e sombra, mais recursos temos para utilizar no teatro de sombras. Por exemplo, ao projetar figuras, podemos definir se elas devem ficar maiores ou menores de acordo com a distância que colocamos entre a figura e a fonte luminosa.



Cia Teatro Lumbra/Foto: Roger Lisboa

Teatro de sombras do grupo Olha Luminosa.

- 1 Coloque um papel na parede. Escolha um pequeno objeto e deixe-o próximo ao papel. Em seguida, pegue uma lanterna e posicione-a de forma a produzir uma sombra no papel. No lado direito, procure produzir uma sombra menor e, no lado esquerdo, uma sombra maior. Em seguida, contorne, com um lápis, o desenho das sombras formadas.



MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL



Caio Boracini

- 2 Como você posicionou a lanterna nas duas situações para produzir sombras diferentes?

Resposta pessoal. Ao posicionar a lanterna mais próxima do objeto, produz-se uma sombra maior; ao mantê-la mais distante do objeto, produz-se uma sombra menor.



PARA AMPLIAR

CRIANDO HISTÓRIA E PERSONAGEM

ETAPA 1

Muitas formas de teatro expressam características da cultura de onde ele acontece. Um exemplo no Brasil é o teatro de cordel. Como vimos, essa forma de teatro é baseada na literatura de cordel, que usa versos rimados e linguagem coloquial, humor e, muitas vezes, fala de temas regionais do dia a dia. Como nasceu no Nordeste, o teatro de cordel costuma retratar a cultura nordestina na música, nos figurinos e nos temas.

1 Inspirados na ideia do teatro de cordel, criem uma história que retrate um pouco da realidade de vocês. A história deve acontecer na região onde vivem e utilizar expressões e outras características típicas da região. Se quiserem, experimentem escrever em versos e rimas, como o teatro de cordel! Registrem no caderno o texto criado.



2 Agora, vamos criar alguns dos personagens dessa história com fantoches? O teatro de fantoches (bonecos que vestimos nas mãos) é muito comum no Brasil. Você vai precisar de uma meia velha, tesoura, cola, pedaços de papelão, caneta hidrocor e tinta hidrocor para decorar.

a) Escolha o personagem que você vai criar e separe uma meia. Para fazer a boca, recorte um pedaço de papelão um pouco menor do que a parte da meia em que ficam os dedos e o calcanhar e cole-o na meia.



Ilustrações: Caio Boracini

b) Enfeite seu boneco com botões, caneta hidrocor ou os adereços que tiver. Na hora de manipular, vista a meia na mão. A boca do boneco será criada com o movimento da mão.

ETAPA 2

FAZENDO O MEU TEATRO DE SOMBRAS



Teatro de sombras.

É possível fazer teatro de sombras de muitas formas: projetando a sombra em um lençol, na parede ou, ainda, criando um palco dentro de uma caixa, como um pequeno teatro de sombras. Vamos montar um teatro de sombras assim? Ele também será usado para contar a história criada por vocês!

**MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL**

MATERIAL PARA O TEATRO:

- caixa de papelão;
- papel de seda branco;
- cola;
- tesoura com pontas arredondadas;
- caneta hidrocor;
- lanterna.

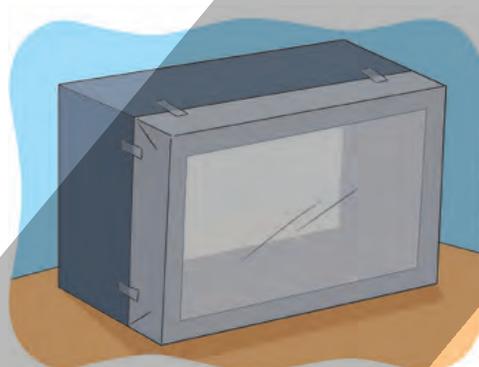
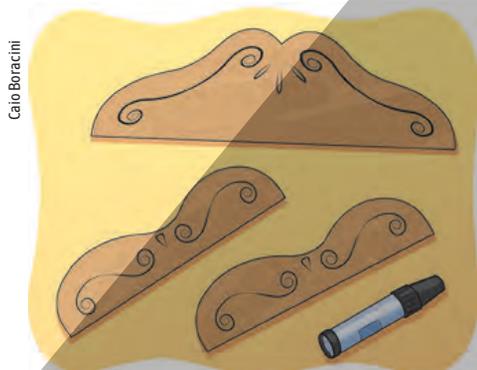
MATERIAL PARA OS PERSONAGENS:

- papel-cartão preto ou de cor escura;
- palitos de sorvete ou de churrasco;
- fita adesiva.

COMO FAZER



1. Corte as abas (se tiver) e o fundo da caixa de papelão.



2. Forre o fundo da caixa com o papel de seda branco, colando-o nas laterais da caixa.

3. Use o fundo ou as abas da caixa para fazer enfeites para o teatro. Desenhe-os no papelão, recorte-os com a tesoura e faça desenhos com caneta hidrográfica. Depois, cole-os nas laterais e acima do palco.



4. Lembre-se dos personagens que vocês criaram, desenhe-os em um papel-cartão preto ou de cor escura e recorte-os. Depois, cole-os em palitos.



5. Posicione a lanterna atrás do teatro e manipule os personagens entre a fonte de luz e a tela de papel. Brinque com as figuras criando sombras e inventando histórias!

ETAPA 3

MISTURANDO AS FORMAS DE FAZER TEATRO

Vimos que existem muitas maneiras de fazer teatro. Agora, vamos criar uma representação teatral misturando algumas delas?

Vocês já criaram uma história baseada na ideia do teatro de cordel, construíram fantoches e montaram um teatro de sombras; dominaram o uso de uma fonte luminosa para produzir sombras e sabem que qualquer objeto pode ser usado para a representação teatral. Agora, pensem em uma forma de representar o texto criado por vocês juntando todos esses recursos.

Tudo pode estar misturado! Vocês podem projetar as sombras dos bonecos, usar os bonecos misturados com objetos, manipular os objetos e os bonecos sem que apareçam ou, ainda, atuar com eles. Tudo é possível! Criem sua forma de representar com toda essa variedade! Faça um desenho aqui representando a cena de vocês.



MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

ARTE POR TODO LUGAR

O QUE VAMOS EXPLORAR?

Nas próximas páginas, vamos investigar a **circulação da arte, da cultura e dos saberes**. Há várias maneiras de garantir que essa circulação aconteça.

Num primeiro momento, investigaremos alguns espaços que promovem a veiculação de trabalhos artísticos: centros culturais, museus, galerias digitais, arte urbana e feiras de arte popular. Cada um deles tem características diferentes, que também podem mudar nas diversas regiões do país e mesmo em lugares distintos da mesma cidade. Para nos aproximar desse universo, vamos pesquisá-los um pouco. Depois, será hora de compartilhar os conhecimentos: você e os colegas vão produzir um vídeo que explica, nas palavras de vocês, o que aprenderam. A ideia é buscar um jeito de falar que seja bem direto e natural. Em vez de apenas reproduzir o que pesquisaram, explicarão como entenderam as informações. Pensar a importância e as diferenças desses lugares para os artistas e para todas as pessoas da comunidade pode ajudá-los muito nessa tarefa.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA EDITORA DO BRASIL

O que conhecemos como **cultura** é um conjunto de saberes e modos de fazer algumas coisas que compartilhamos com as pessoas de nossa comunidade. Isso vale para o mesmo país, região, cidade, família etc. Esse conjunto nos faz sentir parte de algo maior, como se nos ajudasse a saber quem somos e de onde viemos.

Partindo dessa ideia, vamos fazer um levantamento de saberes começando pela nossa família e, depois, ampliar para o ambiente da escola. Vamos descobrir que sabemos muito mais do que imaginamos e trocar referências com os colegas.



PARA REVISAR E REFORÇAR

MUSEUS E CENTROS CULTURAIS

Muitos lugares fazem a arte e a cultura circular. Há vários espaços onde os artistas podem apresentar seus trabalhos e onde públicos diversos podem conhecê-los. Vamos ver alguns?



windwalk/Shutterstock.com

Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, em São Paulo, capital.

1. Reúna-se com três colegas e, juntos, pesquisem algumas características dos seguintes elementos do sistema das artes:



- centros culturais;
- feiras de arte popular;
- museus ou galerias;

- galerias virtuais;
- arte urbana – grafite.

2. Depois de conversarem, é hora de criar um vídeo contando as características encontradas. Atenção: não vale falar algo decorado! Gravem de forma descontraída, como se fosse para um canal de vídeo ou um programa de TV. Por fim, todos os grupos devem exibir seus vídeos para a turma. Prestem atenção nas diferenças e nas semelhanças entre o que foi dito nos vídeos e conversem com os colegas e o professor a respeito disso.



Colorfuel Studio/
Shutterstock.com

VISITANDO UM CENTRO CULTURAL

Use o que aprenderam com a gravação do vídeo sobre as diferenças entre os lugares de circulação cultural e façam, agora, uma reportagem ou um jornal mural sobre um centro cultural ou um museu localizado na sua cidade. Busquem saber um pouco da história do lugar e tentem ir além pensando em algumas perguntas, por exemplo:

- Qual é a programação atual?
- O local costuma receber crianças da sua idade?
- Que tipo de atividade acontece lá?
- Há algum programa de acessibilidade, ou seja, o espaço recebe grupos com algum tipo de deficiência?

Vocês podem também pensar em outras perguntas para pesquisar. Se for possível, podem até combinar com o professor de fazer uma visita a esse centro cultural ou museu juntos e entrevistar alguém que trabalhe lá. Essa seria uma experiência muito rica!

Juntem tudo o que levantaram a respeito e criem uma reportagem ou um jornal mural sobre o centro cultural ou museu, para que toda a escola possa ver o que vocês pesquisaram sobre esse lugar! Faça um esboço do seu trabalho.



Centro Cultural Judith Arlego. Morro do Chapéu, Bahia, 2019.

Luciana Whitaker/Pulsar Imagens



MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL



ETAPA 2

INVESTIGANDO SABERES COMPARTILHADOS

Agora vamos reunir todas as impressões e fazer uma investigação: Quais saberes a comunidade da turma, expandida para suas famílias, compartilha?

- 1 Nesta etapa, vamos fazer uma pequena investigação. Forme grupos de três colegas e conversem sobre o seguinte tema: O que eu acho que faço bem? Ouçam e contem, cada um na sua vez, o que acham que responde a essa pergunta. Pode ser um saber em qualquer área, mas é importante que vocês respondam seriamente. Escreva abaixo sua resposta e a dos colegas.

NOME	O QUE EU ACHO QUE FAÇO BEM?
	Respostas de acordo com a investigação dos estudantes.

- 2 Depois que todos tiverem ouvido e falado, abram uma roda maior. Façam uma lista com todos os saberes que foram levantados, tanto os dos colegas quanto os de seus familiares. Se desejarem, podem ampliar a investigação e perguntar aos professores e funcionários da escola que tipos de aptidão eles têm. Anotem e levem as informações para a lista final, ampliando o resultado. Se precisar, usem uma folha extra.

NOME	O QUE EU ACHO QUE FAÇO BEM?
	Respostas de acordo com a investigação dos estudantes.

ETAPA 3

ORGANIZANDO SABERES EM CONJUNTO

- 1 Depois de reunir o conjunto de conhecimentos e habilidades da turma, dos professores e das famílias, agora é a hora de começar a pensar em conjuntos. Olhem para todos os saberes e tentem criar conjuntos. Pode ser que alguns saberes entrem em mais de um conjunto; não há problema. Pode acontecer também de vocês mudarem de ideia e trocarem saberes de lugar à medida que conversam. O importante é criar conjuntos com as informações que levantaram.



Fernando Favoretto/Criar Imagem

Estudantes trabalhando em grupo.

[Resposta de acordo com a prática.](#)

- 2 Com isso feito, criem cartazes listando os saberes de cada conjunto. Pensem em um nome que explique do que se trata cada um. Conversem, sugiram e reflitam a respeito. Se houver dúvidas, façam uma votação. Ao final, vocês terão grandes grupos de habilidades, e isso será a base para a próxima etapa. Faça um esboço do seu cartaz no caderno.



MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

ETAPA 4

CIRCULANDO SABERES NA COMUNIDADE

Vimos como é possível ter contato e até mesmo criar diferentes maneiras de circular saberes, conhecimento, arte e cultura em uma comunidade. Agora, faremos circular todos esses elementos na coletividade mais preciosa e próxima que temos: nossa família e nossa escola!



João Prudente/Pulsar Imagens

Exposição de projetos interdisciplinares em escola de Sumaré, São Paulo.

1 A partir dos conjuntos de saberes, vocês vão organizar um festival de conhecimento na comunidade onde vivem. [Respostas de acordo com a prática.](#)

a) Escolham quais saberes vocês acham os mais interessantes para essa ocasião. Pensem em uma programação com diferentes formatos: apresentações artísticas, oficinas que ensinem a fazer algo, rodas de conversa...

b) Montem a programação e convidem as pessoas que detêm cada um dos saberes para participar e compartilhá-los. Depois que todos responderem se podem ou não participar, montem a programação final.

**MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL**

c) Com a ajuda do professor, escolham dia, horário e local na escola ou mesmo em uma praça pública ou um parque. Façam em seguida um esboço de convite e, em folha separada, criem convites para a família e os amigos.

Certamente será um dia memorável, em que toda a comunidade sentirá o impacto de viver essa troca de saberes!



REFERÊNCIAS

BASSO, Mariza. O Circo dos Objetos. In: MARIZA BASSO. [Bauru: s. n.], [2017?]. Disponível em: <http://www.marizabasso.com.br/o-circo-dos-objetos>. Acesso em: 24 ago. 2021.

Por meio de sons, cores e movimentos, essa peça mostra como objetos do cotidiano podem trazer a graça do circo.

BASSO, Mariza. O Sítio dos Objetos. In: MARIZA BASSO. [Bauru: s. n.], [2018]. Disponível em: <http://www.marizabasso.com.br/o-sitio-dos-objetos/>. Acesso em: 24 ago. 2021.

A peça narra o caso de vários utensílios domésticos que adquirem vida ao raiar do sol, transformando-se em divertidos personagens.

BRASIL. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. *Modo de fazer viola-de-cocho*. Brasília, DF: Iphan, 2009. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dos_sie_modos_fazer_viola_cocho.pdf. Acesso em: 24 ago. 2021.

Dossiê sobre a viola-de-cocho, produzida na região da bacia do Rio Paraguai, instrumento fundamental nos gêneros musicais cururu e siriri.

BRASIL. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. *Registro do teatro de bonecos popular do Nordeste: mamulengo, Cassimiro Coco, Babau e João Redondo*. [Brasília, DF]: Iphan, 2014. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/dossie_teatros_bonecos1.pdf. Acesso em: 24 ago. 2021.

Dossiê sobre o teatro de bonecos popular do Nordeste, que tem origem em culturas africanas e indígenas.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 24 ago. 2021.

A BNCC é o documento que define as aprendizagens, competências e habilidades que os estudantes do Brasil devem desenvolver em cada etapa da Educação Básica.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Alfabetização. *PNA: Política Nacional de Alfabetização*. Brasília, DF: MEC, 2019. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/images/banners/caderno_pna_final.pdf. Acesso em: 24 ago. 2021.

Institui a Política Nacional de Alfabetização, cujo objetivo é melhorar a qualidade da alfabetização no país e combater o analfabetismo absoluto e o analfabetismo funcional.

HAURÉLIO, Marco; VILELA, Fernando. *A lenda do teatro de sombras*. São Paulo: Paulinas, 2019.

Conta a origem do teatro de sombras na China.

LOUPPE, Laurence. *Poética da dança contemporânea*. Lisboa: Orfeu Negro, 2012.

Aborda o surgimento da dança contemporânea, com o propósito de formular uma teoria do movimento.

MESTRE VIEIRA. [S. l.: s. n.], [20--?]. Disponível em: <http://mestrevieira.com.br/mv/>. Acesso em: 24 ago. 2021.

Site com a obra de Mestre Vieira, o criador da guitarrada.

MUSEU CASA DO PONTAL. Rio de Janeiro: Museu Casa do Pontal, c2021. Disponível em: www.museucasadopontal.com.br. Acesso em: 24 ago. 2021.

Situado no Rio de Janeiro, reúne um dos maiores acervos de arte popular brasileira.

MUSEU DE ARTE DE SÃO PAULO. São Paulo: Masp, [2021?]. Disponível em: <https://masp.org.br/>. Acesso em: 24 ago. 2021.

O Museu de Arte de São Paulo consiste em um dos acervos de arte mais importantes do país.

MÚSICA TRADICIONALISTA. [S. l.]: FP Sistemas, c2020. Disponível em: <https://musicatradicionalista.com.br/>. Acesso em: 24 ago. 2021.

Com discografias e letras de músicas, o site apresenta compositores e cantares da tradição gaúcha.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

**MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL**

**MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL**

ISBN 978-85-10-08883-1